



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
Em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

“Ilustração a falsa novidade”

Autor

João Miguel Casimiro Faria Jorge

Orientadores

Professora Doutora Manuela Cristóvão

Professor Doutor Leonardo Charréu

Évora 2013

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário realizada
nas Escolas - Secundária de Vendas Novas e Básica André de Resende

Autor

João Miguel Casimiro Faria Jorge

Orientadores

Professora Doutora Manuela Cristóvão

Professor Doutor Leonardo Charréu

Agradecimentos

Quero agradecer à minha família todo o apoio, compreensão e suporte prestados ao longo destes dois anos de Mestrado.

À Professora Doutora Manuela Cristóvão e Professor Doutor Leonardo Charréu por acederem serem os meus orientadores assim como pelo auxílio prestado durante todo o processo de desenvolvimento do presente trabalho.

A todos os professores de Mestrado que contribuíram directa e indirectamente com o seu conhecimento para o presente trabalho.

Aos professores cooperantes das escolas por todo o apoio, cooperação e inserção prestados durante o tempo que comprometeu a minha permanência nas escolas.

À minha colega de Mestrado Marta Alberto que me acompanhou e partilhou comigo a experiência durante todo o processo.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
Para a obtenção de grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais
No 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário

Resumo

O presente relatório é elaborado no âmbito da disciplina Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado de Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário. É projectado com o objectivo de dar a conhecer aspectos relativos à prática de ensino desenvolvida no decorrer do ano lectivo 2012/2013 nos seguintes estabelecimentos de ensino: Escola Secundária de Vendas Novas e Escola Básica 2, 3 André de Resende.

O relatório apresenta-se dividido pelos seguintes aspectos: Pesquisa científica, pedagógica e didáctica, onde são apresentadas informações sobre as instituições escolares, turmas, currículos das disciplinas e tema desenvolvido - “Ilustração a Falsa Novidade”; Planificação e condução das aulas e avaliação de aprendizagens, onde é abordado a perspectiva educativa e métodos de ensino, preparação das aulas, a condução das mesmas e avaliação de aprendizagens; Análise da prática de ensino, reflexão pessoal sobre a prática de ensino; Participação na escola; Desenvolvimento profissional.

Palavras-chave: Pedagogia; Currículo; Ilustração; Planificação; Avaliação.

Report of Supervised Teaching Practice

To obtain a Master's degree in Teaching Visual Arts

In the 3rd cycle of Basic and Secondary Education

Abstract

This report is prepared under the discipline Supervised Teaching Practice Teaching of the Masters of Visual Arts in the 3rd cycle of Basic and Secondary Education. It is designed with the aim of making known aspects of teaching practice developed during the academic year 2012/2013 in the following schools: School of Vendas Novas and Primary School of André de Resende.

The report is divided by the following parts: scientific research, and didactic, which presents information on educational institutions, classes, courses and curricula a developed theme - "Illustration, the false new"; Planning and conduct of classes and evaluation of learning, which is addressed to educational perspective and methods of teaching, preparing lessons, class management and evaluation of learning; Analysis of teaching practice, personal reflection on teaching practice, participation in school; and professional development.

Keywords: Pedagogy; Curriculum; Illustration; Planning; Evaluation.

Índice

Introdução	1
1. Conhecimento do contexto: Preparação científica, pedagógica e didáctica.....	2
1.1. Conhecimento das Instituições escolares – Escola Secundária de Vendas Novas	2
1.2. Conhecimento das Instituições escolares – Escola Básica de André de Resende	6
1.3. Conhecimento dos alunos - 12º ano, turma D	10
1.4. Conhecimento dos alunos - 7º ano, turma D	11
2. Conhecimento do Currículo e Conteúdos	13
2.1. Programa Nacional de Desenho A – 10, 11 e 12º Ano	13
2.2. Programa Nacional de Educação Visual - Ajustamento	18
3. Tema - Ilustração, a falsa novidade.....	20
3.1. Pesquisa Científica	20
3.2. Contextualização	21
3.3. Definição Clara do Problema	29
3.4. Metodologia	33
3.5. Avaliação de resultados.....	35
4. Planificação e Condução das aulas, impacto e avaliação de aprendizagens	41
4.1. Perspectiva educativa e métodos de ensino.....	41
4.2. Preparação das aulas de Desenho A	44
4.3. Preparação das aulas de Educação Visual.....	47
4.4. Condução de aulas de Desenho A.....	50
4.4.1. 1ª Aula supervisionada	50
4.4.2. 2ª Aula supervisionada	52
4.5. Condução das aulas de Educação Visual	54
4.5.1. 3ª Aula supervisionada	54
4.5.2. 4ª Aula supervisionada	56
4.6. Impacto sobre os alunos e avaliação de aprendizagens.....	59
4.6.1. Avaliação 12º ano, turma D.....	59
4.6.2. Avaliação 7º ano, turma D	60
4.6.3 Considerações gerais	61
5. Análise da prática de ensino.....	62
6. Participação na Escola.....	66
7. Desenvolvimento Profissional.....	69
Conclusões	70
Bibliografia	72
Apêndices documentais.....	74

Índice de imagens

Imagem 1 – Escola Secundária de Vendas Novas, autor: João Jorge

Imagem 2 – Escola Básica de André de Resende, autor: João Jorge

Imagem 3 – Resultado N° 1 do exercício “Ilustração”, autor: João Jorge

Imagem 4 – Resultado N° 2 do exercício “Ilustração”, autor: João Jorge

Imagem 5 – Resultado N° 1 de exercício “Personagem”, 7º D, autor: João Jorge

Imagem 6 – Resultado N° 2 de exercício “Personagem”, 7º D, autor: João Jorge

Imagem 7 – Resultado N° 3 de exercício “Personagem”, 7º D, autor: João Jorge

Imagem 8 – Resultado N° 1 de exercício “Personagem”, 12º D, autor: João Jorge

Imagem 9 – Resultado N° 2 de exercício “Personagem”, 12º D, autor: João Jorge

Imagem 10 – Livro de Ilustrações do 7º D, autor: João Jorge

Imagem 11 – Livro de Ilustrações do 7º D, autor: João Jorge

Imagem 12 – Livro de Ilustrações do 7º D, autor: João Jorge

Índice de apêndices documentais

Apêndice documental 1 – Planificação de unidade didáctica “Sapato” 12º D

Apêndice documental 2 – Planificação de unidade didáctica “Personagem” 12º D

Apêndice documental 3 – Grelha de avaliação de unidade didáctica “Sapato” 12ºD

Apêndice documental 4 – Grelha de avaliação de unidade didáctica “Personagem” 12ºD

Apêndice documental 5 – Planificação de unidade didáctica “Ilustração” 7º D

Apêndice documental 6 – Planificação de unidade didáctica “Inicial” 7º D

Apêndice documental 7 – Planificação de unidade didáctica “Personagem” 7º D

Apêndice documental 8 – Grelha de avaliação de unidade didáctica “Ilustração” 7º D

Apêndice documental 9 – Grelha de avaliação de unidade didáctica “Inicial” 7º D

Apêndice documental 10 – Grelha de avaliação de unidade didáctica “Personagem” 7º D

Apêndice documental 11 – Ficha de observação de prática de ensino supervisionada 7º D

Índice de apêndices gráficos

Apêndice gráfico 1 - Resultado Nº 3 da unidade didáctica “Ilustração”

Apêndice gráfico 2 - Resultado Nº 4 da unidade didáctica “Ilustração”

Apêndice gráfico 3 - Resultado Nº 3 da unidade didáctica “Personagem”, 12º D

Apêndice gráfico 4 - Resultado Nº 4 da unidade didáctica “Personagem”, 12º D

Apêndice gráfico 5 - Resultado Nº 1 da unidade didáctica “Sapato”, 12º D

Apêndice gráfico 6 - Resultado Nº 2 da unidade didáctica “Sapato”, 12º D

Apêndice gráfico 7 - Resultado Nº 3 da unidade didáctica “Sapato”, 12º D

Apêndice gráfico 8 - Resultado Nº 4 da unidade didáctica “Sapato”, 12º D

Apêndice gráfico 9 - Resultado Nº 1 da unidade didáctica “Inicial”, 7º D

Apêndice gráfico 10 - Resultado Nº 2 da unidade didáctica “Inicial”, 7º D

Apêndice gráfico 11 - Resultado Nº 1, 2 e 3 da unidade didáctica “Personagem”, 7º D

Apêndices digitais

Apêndice digital 1 – Programa Nacional da disciplina de Desenho A 10º ano

Apêndice digital 2 – Programa Nacional da disciplina de Desenho A 11º e 12º ano

Apêndice digital 3 – Programa Nacional da disciplina de Educação Visual Ajustamento

Apêndice digital 4 – Apresentação PowerPoint “Ilustração” 12º ano

Apêndice digital 5 – Apresentação PowerPoint “Ilustração” 7º ano

Apêndice digital 6 – Apresentação PowerPoint “Banda Desenhada” 7º ano

Apêndice digital 7 – Poemas do Projecto “Livro de Poemas Ilustrados do 7º D”

Apêndice digital 8 – Auxiliar gráfico da unidade didáctica “Personagem” 7º ano

Apêndice digital 9 – Auxiliar gráfico da unidade didáctica “Personagem” 7º ano

Apêndice digital 10 – Auxiliar gráfico da unidade didáctica “Personagem” 7º ano

Apêndice digital 11 – Auxiliar gráfico da unidade didáctica “Personagem” 7º ano

Apêndice digital 12 – Auxiliar gráfica da unidade didáctica “Inicial” 7º ano

Apêndice digital 13 – Auxiliar gráfico da unidade didáctica “Inicial” 7º ano

Apêndice digital 14 – Projecto Curricular de turma 12º ano turma D

Introdução

O presente relatório apresenta os aspectos técnicos relativos à minha primeira experiência de docência em ambos os níveis de ensino, básico e secundário.

Este primeiro impacto alterou totalmente a noção prévia do que é o ensino e como é fazer parte de todo o processo de ensino. A aprendizagem e competências adquiridas descritas não se circunscrevem a aspectos profissionais, mas também, enquanto pessoa e cidadão, foi possível entender e adaptar-me às diversas situações surgidas da prática de ensino.

Ao longo de todo o relatório da prática de ensino supervisionada são descritos e abordados aspectos como a caracterização e compreensão do contexto educativo, assim como as turmas em que a prática foi desenvolvida. Também todo o processo de conhecimento curricular e de conteúdos é analisado, assim como a aplicação do mesmo na preparação, planificação e condução das diversas unidades didácticas. Uma auto-avaliação e reflexão pessoal é parte integrante deste processo, definição de problemas e aspectos a melhorar, assim como resultados aplicados na prática obtidos dessa mesma reflexão.

É também parte do relatório de PES uma abordagem ao tema “Ilustração, a Falsa Novidade”, analisando os conteúdos dos currículos programáticos das disciplinas de Educação Visual e Desenho A relativos à prática da ilustração enquanto disciplina artística e a sua adequação ao actual panorama ilustrativo, interpretando-a como insuficiente. Este detem uma componente prática sobre a temática e avaliação dos resultados obtidos na mesma.

A análise da prática de ensino é desenvolvida num âmbito pessoal e profissional de carácter posterior à prática de ensino, abordando questões como o trabalho conjunto entre professores cooperantes e a minha colega de PES, relação professor/aluno, noções adquiridas, desempenho pessoal a nível de competências, experiências relevantes, aspectos evolutivos e de melhoria.

É feita também uma análise e avaliação de aprendizagens nos diversos níveis de ensino onde tive a possibilidade de leccionar, a nível de domínio técnico e competências adquiridas, assim como a avaliação qualitativa e quantitativa dos resultados das aulas supervisionadas.

1. Conhecimento do contexto: Preparação científica, pedagógica e didáctica

1.1. Conhecimento das Instituições escolares – Escola Secundária de Vendas Novas

Caracterização do meio

O Agrupamento de Escolas de Vendas Novas situa-se na cidade de Vendas Novas, pertencente ao distrito de Évora.

Apresenta uma densidade populacional com uma elevada taxa de população jovem e uma pouco inferior de população idosa. Estas características apresentam-se superiores à média de outros concelhos da zona do Alentejo. Em termos de evolução populacional também apresenta valores acima da média, que apesar do decréscimo nas últimas décadas, os valores revelam-se também positivos face a outras localidades alentejanas.

A nível de escolaridade da população residente, 44,2 % possui instrução inferior à escolaridade obrigatória. Academicamente, a maioria dos pais de alunos no ensino básico e secundário, apresenta instrução entre o 1º ciclo e 3º ciclo do Ensino Básico.

Em termos económicos, o sector terciário ou serviços é o predominante no concelho, seguido do sector automóvel e sector de transformação industrial. Pelo que se apresenta como principal a categoria sócio-profissional trabalhadores não qualificados, assim como vendedores e prestação de serviços. Contrariamente ao esperado, o sector principal é o que apresenta menor taxa empregadora, sendo a agricultura e pecuária as áreas onde se regista menor volume de mão-de-obra, apesar de importantes na economia da região.

Caracterização da escola

A escola Secundária de Vendas Novas, encontra-se localizada na Avenida 25 de Abril Nº 21, a zona a que pertence é destinada pela autarquia para escolas, actividades desportivas e lazer, assim como mercado municipal e estação rodoviária.



Imagem. 1 - Escola Secundária de Vendas Novas (autor: João Jorge)

Inaugurada a 23 de Outubro de 1993 pelo Secretário de Estado da Educação Dr. José Manuel Bracinha.

No que corresponde a espaços físicos a escola é composta por 4 blocos principais de 2 pisos cada um, onde funcionam 21 salas de aula das quais 9 se encontram munidas de equipamento informático.

No bloco A funcionam os Serviços de Administração Escolar, Biblioteca, Reprografia, Gabinetes de Direcção e Directores de turma, Sala de Professores, PBX, serviço de Psicologia e Orientação assim como a sala de Atendimento a Encarregados de Educação e quatro salas de aula.

No bloco B encontram-se os Gabinetes de Departamentos, sala de grandes grupos e oito salas de aula, sendo uma das mesmas destinada à área das Artes Visuais.

O bloco C compreende os Laboratórios de Física, Biologia e Fotografia, Biotério e nove salas de aula, das quais três são destinadas à área da Informática e uma a Desenho.

No bloco inferior funcionam serviços como o Refeitório, Cozinha, Bufete, Sala de Convívio dos Assistentes Operacionais, Sala de Convívio dos alunos, Papelaria/Reprografia dos alunos e o GAJ (Gabinete de Apoio a Jovens).

A escola dispõe também de um Pavilhão Ginodesportivo, Campo de Jogos, Centro de Novas Oportunidades e GIP (Gabinete de Inserção Profissional).

No que compromete recursos humanos apresentam-se:

Externos

- Direcção Regional de Educação;
- Câmara Municipal;
- Especialistas convidados;
- Associações Locais;
- Rádio e Jornal locais;
- Centro de Saúde;
- Centro de Respostas Integradas (CRI);
- Empresas locais;
- Guarda Nacional Republicana;
- Bombeiros Voluntários de Vendas Novas;
- Segurança Social;
- Centro de Formação.

Internos

- Conselho Geral;
- Direcção;
- Conselho Pedagógico;
- Docentes;
- Discentes;
- Pais e Encarregados de Educação;
- Assistentes Técnicos;
- Assistentes Operacionais;
- Núcleo de Apoio Educativo;
- Serviço de Psicologia e Orientação;
- Biblioteca Escolar;
- Centro Novas Oportunidades.

A níveis de potencialidades e problemas a escola apresenta:

Potencialidades

- Fraco abandono escolar no Ensino Regular e Cursos Profissionais.
- Indisciplina circunscrita a turmas determinadas (não generalizada; não é parte da cultura da escola e sim uma variável);
 - Clima de proximidade entre docentes, discentes e não docentes (assistentes técnicos e operacionais);
 - Espaço físico agradável e limpo;
 - Bons equipamentos desportivos e informáticos;
 - Estabilidade e fraco absentismo do corpo docente, o que facilita a implementação de medidas pedagógicas/estratégias plurianuais e a sua avaliação;
 - Existência do SPO;
 - Existência de projectos e parcerias.

Problemáticas

- Cultura de trabalho em equipa pouco consolidada entre o corpo docente;
- Fraca assumpção de uma cultura de exigência e de avaliação propiciadoras de verdadeira melhoria;
 - CI (classificação interna) superior à classificação de exame;
 - CI superior às metas propostas pelos grupos;
 - Estabilidade do corpo docente que oferece resistências à mudança e inovação;
 - Fraco envolvimento dos alunos e EE (Encarregados de Educação) na elaboração dos documentos fundamentais da escola e na vida da escola em geral;
 - Aumento da indisciplina;
 - Clima de pouco respeito entre os alunos;
 - Pouco espírito de trabalho em equipa entre alunos;
 - Insuficiência de material específico para actividades experimentais.

Em termos de origem geográfica dos alunos a escola engloba jovens de localidades como Faias, Loja Nova, Pegões Velhos, Pegões Cruzamento, Pegões Gare, Foros de Trapo, Figueira, Landeira, Piçarras, Afonsos, Coruche, Poceirão, Afeiteira e Vendas Novas.

1.2. Conhecimento das Instituições escolares – Escola Básica de André de Resende

Caracterização do meio

O Agrupamento de Escolas N° 2 situa-se na cidade de Évora, capital de distrito de Évora, sendo o mesmo composto por concelhos como o Alandroal, Borba, Arraiolos, Estremoz, Montemo-o-Novo, Mora, Moura, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas, Viana do Alentejo, Vila Viçosa e Évora.

A cidade caracteriza-se como um meio cultural, patrimonial, universitário, prestador de serviços e com qualidade ambiental. Com uma população aproximada de 50.000 habitantes, tem revelado uma taxa migratória um pouco ascendente, registando uma pequena taxa de aumento populacional possivelmente motivada pela actual situação sócio-económica do país.

A cidade apresenta também uma larga aposta na modernidade a nível de prestação de novos serviços às escolas e outras instituições, assim como a valorização de espaços naturais, sustentabilidade económica e requalificação da rede sociocultural local.

Segundo as informações presentes no projecto educativo, a freguesia da Nossa Senhora da Saúde foi criada a 20 de Junho de 1997 pela Assembleia da República, na qual integram as componentes rural e urbana. Recentemente esta diferenciação tem vindo a reduzir, já que se estado a constatar uma igual redução de população ligada ao sector da agricultura e pecuária, assim como uma crescente procura de terrenos para construção habitacional.

Em termos de características, a freguesia apresenta uma dinâmica da qual fazem parte várias associações recreativas assim como prestação de serviço público junto da própria Junta de Freguesia, da qual faz também parte uma biblioteca pública. Também na Escola EB1 de André de Resende e na Escola EB1 do Bairro da Câmara encontram-se bibliotecas escolares do agrupamento.

Caracterização da Escola

O estabelecimento de ensino Escola Básica de André de Resende engloba o Agrupamento Nº 2 de Évora, composto pelos Jardins de Infância Garcia de Resende e Sto. António, Escola Básica e Jardim de Infância da Vendinha e Escola Básica do Bairro da Comenda, Rossio de S.Brás, Bairro da Câmara, Av. Hérois do Ultramar e Bairro do Chafariz d'El Rei.



Imagem. 2 - Escola Básica de André de Resende (autor: João Jorge)

A Escola Básica André de Resende situa-se na Av. Gago Coutinho, Bairro da Nossa Senhora da Saúde em Évora. Criada inicialmente em 1968, em funcionamento no edifício do antigo Convento de Santa Clara, passou a ocupar as actuais instalações em 1978. Em 1996/97 passou a ser a escola sede do Território Educativo de Intervenção Prioritária.

Em termos de ofertas educativas a Escola EB1 de André de Resende compromete o 1º, 2º, 3º ciclo e cursos EFA. No 2º ciclo apresenta duas áreas curriculares alternativas, o Ensino Artístico Articulado da Música e Percurso Curricular Alternativo. No 3º ciclo é apresentado como percursos curriculares alternativos os CEF de Instalação e Reparação de Computadores, Jardinagem e Espaços Verdes, assim como Práticas Técnico-Comerciais. No que consta a ensino secundário a escola tem como oferta o curso EFA.

No que compromete os recursos físicos a Escola Básica de André de Resende segundo o Projecto Educativo apresenta:

- Biblioteca Escolar;
- Laboratórios de CFQ, CN e Informática;
- Salas de EVT, EV e ET;
- Salas de Educação Musical;
- Refeitório/Cantina;
- Bufete/Bar;
- Papelaria;
- Reprografia;
- Pavilhão GinoDesportivo;
- Campo de Jogos;
- Posto de Socorros;
- Sala de Associação de Pais;
- Sala Polivalente;
- Gabinete de Psicologia e atendimento de alunos;
- Sala de corpo docente e não docente;
- Espaço exterior.

Em termos de parcerias, a escola apresenta acordos com instituições como a Associação Comercial do Distrito de Évora, Bibliotecas Escolares BIBCOM, Câmara Municipal de Évora, Cruz Vermelha Portuguesa, Fundação Eugénio de Almeida, Grupo Desportivo e Recreativo André de Resende, Junta de Freguesia da Senhora da Saúde, Universidade de Évora, entre outros.

Como objectivos a escola apresenta metas e estratégias de modo a alcançar os objectivos estabelecidos, sendo estas metas:

- Promover a educação para todos, através da diversificação da oferta formativa e a prevenção do abandono escolar;
- Melhorar a qualidade do Ensino, qualidade das aprendizagens e melhoria do ambiente educativo;

- Adequar o currículo ao contexto, articulando a acção educativa nos diferentes níveis de ensino, assim como a integração das TIC, componentes locais e regionais de desenvolvimento curricular;
- Melhorar a qualidade do desempenho de pessoal docente e não docente, através da implementação de formações contínuas e prioritárias;
- Fomentar um bom clima relacional entre os elementos da comunidade educativa, aumentando o envolvimento desenvolvendo uma cultura de presença, assim como a promoção da relação Escola/Família.
- Promover a valorização e rentabilização dos espaços escolares, melhorando os espaços adequando-os, assim, ao público-alvo, assim como construir um método de cumprimento pelas normas e zelo dos espaços escolares.
- Aprofundar as relações do Agrupamento com a comunidade, estabelecendo e mantendo as parcerias com agentes da comunidade.
- Promover uma escola ecológica, conseguida através da implementação de políticas de redução, reutilização e reciclagem assim como sensibilizar a comunidade escolar para o respeito pelo Meio Ambiente.

Cada uma destas metas encontra-se subdividida em objectivos e estratégias a adoptar que visam a sua concretização.

1.3. Conhecimento dos alunos - 12º ano, turma D

A turma D do 12º ano de escolaridade do curso de Artes Visuais da Escola Secundária de Vendas Novas era constituída por dezasseis alunos, sendo quatorze do sexo feminino e dois do sexo masculino, todos de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os dezasseis e os dezoito anos de idade.

Todos os 16 alunos residem no concelho de Vendas Novas, o que facilita em termos de transporte, já que quatro dos alunos se deslocavam para a escola a pé, cinco de transportes públicos, cinco de carro e um de outros meios. Dos alunos, quinze têm como encarregado de educação a mãe, enquanto apenas um tem o pai como encarregado.

Em termos profissionais e socio-económicos, segundo informações recolhidas e presentes no PCT (consultar apêndice digital 14), academicamente metade dos pais dos alunos situavam-se entre o grau Secundário e Superior, enquanto que os restantes não tinham a escolaridade obrigatória. Em termos profissionais os pais encontravam-se na sua grande maioria empregados, existindo apenas um único caso de desemprego. Também este factor era observável, pelo que maioria dos alunos não apresentava dificuldades financeiras, principalmente em termos de dificuldade em adquirir materiais escolares. A idade dos pais varia entre os 30 e os 50 anos.

A nível de indicadores de saúde, três dos alunos apresentavam dificuldades visuais, existindo ainda um caso de uma aluna referenciada como uma aluna detentora de Necessidades Educativas Especiais com síndrome de Asperger. Esta acarretava preocupações num sentido receptivo e de alguma adequação de conteúdos, principalmente por se constatar que a aluna acompanhava todo o processo prático com algumas exceções, mas apresentava algumas falhas no acompanhamento de processos de exposição teórica. Apesar das dificuldades a aluna mantinha o interesse e empenho necessário a uma optima prestação em sala de aula.

Do que me foi possível apurar a turma em geral apresentava prespectivas de ingresso no Ensino Superior, na sua grande maioria em áreas abrangidas pelas artes visuais, com excepção de uma aluna com a intenção de ingressar na área do Jornalismo.

Em termos de preferências disciplinares, o Desenho e Educação Física são as áreas de preferência, sendo Português a disciplina menos popular.

Também segundo informações contidas no Projeto Curricular de Turma, os factores de insucesso apontados são a falta de atenção e hábitos de estudo, pelo que apenas dois dos

alunos apresentavam uma prática de estudo diária, o primeiro foi um dos factos também observáveis em algumas aulas.

Pessoalmente pude verificar que a turma encontrava-se sobre alguma pressão causada pelo exame nacional de Desenho A.

Como regra geral a turma apresentava um bom desempenho a nível de comportamento em sala de aula, mas alguma dificuldade em termos de capacidades técnicas e método de trabalho. Dificuldade essa ultrapassada pela vontade, motivação e implementação de algumas metodologias da minha parte em cooperação com a minha colega de PES, o que se revelou positivo em termos de desempenho e nível artístico.

1.4. Conhecimento dos alunos - 7º ano, turma D

A turma D do 7º ano de escolaridade do 3º Ciclo do Ensino Básico da Escola Básica de André de Resende era constituída por vinte e um alunos, sendo quatorze do sexo feminino e sete do sexo masculino, a maioria de nacionalidade portuguesa, excepto uma aluna de nacionalidade belga, com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos de idade.

Todos os 21 alunos residem na cidade de Évora, factor que se apresenta como uma mais valia em termos de acesso já que a maioria, pela proximidade de residência, se deslocava para a escola a pé, quatro de transporte particular e três de transportes públicos.

Do total de alunos, dezassete têm como encarregado de educação a mãe, um tem o pai como encarregado e três outro grau de parentesco (tia e avó). Em termos profissionais e socio-económicos, segundo informações recolhidas e presentes nos dossiers de turma, academicamente a maioria dos encarregados de educação dos alunos situavam-se entre o grau médio-alto, enquanto que os restantes oscilavam entre o 2º e 3º ciclo.

Em termos profissionais os pais encontravam-se, na sua grande maioria, empregados, existindo alguns casos de desemprego (8), sendo este factor observável em algumas destas situações, principalmente pela dificuldade em adquirir os materiais necessários no desenvolver da aula.

Alguns alunos estavam inseridos nos escalões de ASE, um com o escalão A, um C e dois B.

A nível de indicadores de saúde uma aluna apresentavam dificuldades visuais, enquanto outras três alunas apresentavam doenças crónicas (bronquite asmática e endocardite).

Em termos de preferências disciplinares a Educação Visual, Educação Física e Inglês são as disciplinas de eleição.

Os factores de insucesso passíveis de apontar foram a falta de atenção.

Pessoalmente pude apurar que a turma apresentava um bom desempenho se fosse motivada correctamente pelos conteúdos expostos no decorrer das aulas, a atenção era ganha através de uma boa interacção e relação entre professor/aluno. Também a necessidade de apresentar resultados bastante positivos era um objectivo gratificante para a maioria dos alunos. A opinião do professor era bastante procurada pelos mesmos na definição do caminho a tomar no desenvolvimento dos exercícios.

Também um aspecto positivo perceptível da turma é a boa relação entre alunos, já que foram raros os casos de trabalho de grupo que apresentaram dificuldades de desempenho ou relação entre elementos do grupo, excepto o caso de uma aluna transferida de outra turma a meio do segundo período, que, por razões óbvias, não se tinha integrado em pleno na turma.

1. Conhecimento do Currículo e Conteúdos

2.1. Programa Nacional de Desenho A – 10, 11 e 12º Ano

A disciplina de Desenho A apresenta-se como elemento essencial previsto no currículo de 10º, 11º e 12º anos escolares do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais (consultar apêndice digital 1 e 2). Esta detem como objectivos principais do programa “*dominar, perceber e comunicar, de modo eficiente através dos meios expressivos do desenho*” (Programa Nacional de Desenho A, 2001). No mesmo programa é feita uma divisão de objectivos e competências a desenvolver nos diversos anos de escolaridade que a disciplina compromete, apresentando o exame nacional de Desenho A como elemento final de avaliação de conhecimentos adquiridos (avaliação externa).

(...) Desenho é forma universal de conhecer e comunicar. Integrando as áreas do saber, actua na aquisição e na produção de conhecimento. (...) (Programa Nacional de Desenho A, 2001).

O programa refere o desenho como forma universal de comunicação e conhecimento, elegendo-o como elemento essencial de contexto teórico-prático de diversas áreas de exercício profissional, onde é apontado como necessário no que corresponde a munir o jovem de aptidões que lhe capacitem conceber uma resposta gráfica em situações de cariz socio-cultural. A disciplina de Desenho mantém também como objectivo desenvolver competências críticas e criativas.

A estrutura da disciplina é desenhada segundo três áreas de exploração:

Percepção visual - É descrita como habilidade bio-psicológica individual de compreensão visual. O seu estudo compreende um desenvolvimento de competências de expressão gráfica e melhoramento de capacidade perceptiva e cognitiva do indivíduo.

Expressão Gráfica – O estudo desta área foca-se nos recursos de comunicação, competências técnicas, estudo de suportes, meios de registo nomeadamente as várias possibilidades de traço e mancha, abrangendo todos os recursos de comunicação do desenho adequado a contextos sociais e culturais.

Comunicação – Nesta área o estudo foca-se no desenho enquanto significado, atendendo ao conteúdo inscrito aliado à expressão gráfica aplicada. Faz também parte

deste elemento uma abordagem à perspectiva contemporânea do desenho, assim como à história do mesmo.

A subdivisão da estrutura da disciplina revela a interligação e conteúdos a abordar sendo estes a visão, materiais, procedimentos, sintaxe e sentido. Cada um destes conteúdos remete para diversos elementos a explorar.

O currículo é referido como “*dentro de princípios de flexibilidade, continuidade, unidade e adequação à realidade*” (Programa Nacional de Desenho A, 2001), o que define os objectivos como adequados à realidade portuguesa, classificando-os ainda como “atingíveis”. Cabe ao professor, consoante o ritmo e capacidades, adequar a selecção, aplicação e gestão do programa. Valoriza-se no presente currículo como metodologia de desenho mais eficiente a actividade oficial, estando esta sujeita à dinâmica de cada unidade de trabalho e conteúdos. É sugerido ainda uma metodologia que visa o trabalho fora do horário lectivo, pois esta desenvolve o carácter individual de cada estudante através de experiências e percepções que não as presentes em ambiente de aula.

Como finalidades da disciplina de Desenho A o programa apresenta:

- *Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação.*
- *Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação.*
- *Promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania.*
- *Desenvolver o espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente.*
- *Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência.*
- *Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.*

Como objetivos apresenta:

- *Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.*
- *Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visível.*
- *Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visual utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.*
- *Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.*
- *Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.*
- *Diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.*
- *Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.*
- *Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiossincrasias e posições discriminatórias.*
- *Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.*
- *Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.*
- *Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.*
- *Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.*

No que refere a sugestões metodológicas, o programa explica primeiramente que os conteúdos do mesmo não necessitam de ser trabalhados pela ordem sequencial que apresentam, pelo que justifica que a planificação das unidades de trabalho deve ser organizada de modo a que a aplicação de conteúdos não seja singular, mas simultânea. Entende-se, então, que genericamente objetiva-se uma interacção entre dimensão conceptual e prática, por meio de aquisição de conteúdos através de aprendizagens baseadas em atividades, recurso a diversos materiais e métodos experimentais de trabalho. É apontado, no presente programa, que o professor deve valorizar como principais estratégias o trabalho realizado em sala de aula, assim como fora de tempo lectivo. Cabe ao docente o planeamento de actividades que desencadeiem uma compreensão conceptual através de aprendizagens práticas, assim como o desenvolver de capacidades de reflexão e expressão a nível tanto individual como colectivo, de modo a que estas contribuam para uma troca de experiências. A nível teórico o professor deve confrontar os alunos com obras atendendo a uma especial abordagem sobre autores portugueses, potenciando assim a construção e o enriquecimento da cultura visual dos alunos.

Entre outras metodologias, o programa fornece indicações sobre a relação pedagógica a adoptar, como o enquadramento dos alunos em contexto cultural, o incentivo através da exigência e empenho, a procura de um clima em sala de aula favorável ao desenvolvimento de competências, construção de hábitos de registo gráfico, incentivo ao uso diversificado de materiais ou a promoção de uma cultura de liberdade.

As competências a desenvolver pelos alunos estão divididas entre “Ver-Criar-Comunicar”. Estas estão subdivididas também em três pontos essenciais

- “Observar e analisar” - esta área é organizada de modo a potenciar o desenvolvimento de capacidades psicomotoras, focando-se na capacidade de observação, compreensão e registo, atendendo a singularidades e elementos estruturais da forma. É exigido que o aluno na prática de observação analítica, com recurso a meios manuais ou informáticos, observe e registe com aptidão crescente.

- “Manipular e Sintetizar” - esta área visa a capacidade de síntese do aluno, pondo em evidência a capacidade do mesmo de adequar, corrigir ou criar. É previsto uma aplicação diversificada de conteúdos, princípios, ou ideias, no que corresponde ao teor concreto ou abstracto numa operação crítica e criativa.

- “Interpretar e Comunicar” - este conteúdo visa dividir o trabalho por fases num desempenho crítico e construtivo atendendo à importância da comunicação em contexto cultural. Este conhecimento e meio de inserção visa a experiência e exploração de competências numa preparação do indivíduo enquanto cidadão. Todas as competências anteriormente referidas não são limitadas por nenhuma linha temporal, sendo apenas linhas de aprofundamento e preparação para níveis seguintes.

A avaliação é desenhada segundo dois critérios, a avaliação formativa que atenta à relação professor/aluno na aquisição de novas competências e a avaliação sumativa resulta do desempenho do aluno nas actividades e conteúdos previstos na disciplina, avaliando a evolução do mesmo orientada temporalmente pelo professor. São objectos de avaliação a *“aquisição de conceitos, concretização de práticas e desenvolvimentos de atitudes e valores.”*

A abordagem anteriormente elaborada refere ao programa da disciplina de Desenho A de homologação datada de 22/02/2001, do qual referi as características gerais da disciplina (finalidades e objectivos) previstas para o 10º, 11º e 12º anos de escolaridade. O programa da disciplina de 11º e 12º anos, homologado a 25/03/2002, apresenta como conteúdos principais:

Materiais – Este conteúdo aborda os suportes, meios actuantes e Infografia.

Procedimentos – Este foca-se essencialmente em técnicas e ensaios.

Sintaxe – Ponto que aborda os domínios da linguagem plástica, cor, movimentos e tempo.

Sentido – Como ultimo aborda a visão crónica e diacrónica do desenho, planos de expressão de imagem, planos de conteúdos e significado e acção do observador

O programa apresenta sugestões metodológicas específicas de 12º ano, estas baseiam-se em possíveis unidades de trabalho estruturadas de modo a abordarem os conteúdos previstos pelo programa assim como a carga horária prevista para cada um dos mesmos. As actividades têm ainda a particularidade de não se encontrarem organizadas segundo uma linha temporal, pelo que se entende que o professor tem a liberdade de as aplicar de acordo com as capacidades e competências apresentadas pelos alunos, podendo o este

adequar a sua metodologia e sequencia-la de acordo com a dinâmica e possibilidades da turma. É importante referir que no programa estas metodologias são apresentadas como sugestões, pelo que o professor poderá ou não executar tais actividades.

2.2. Programa Nacional de Educação Visual - Ajustamento

O presente currículo apresenta-se como uma articulação do programa nacional da disciplina (consultar apêndice digital 3), o resultado de uma revisão e articulação desenvolvida através de trabalho conjunto entre um grupo e o Departamento de Educação Básica.

Como introdução é acentuada a importância da disciplina numa área de exploração artística presente nos *“domínios concretos da expressão Plástica e do Desenho, entendido este como uma escrita visual de uma linguagem específica das artes plásticas”*(programa nacional de Edu. Visual 3ºciclo), assim como a importância da disciplina na educação e formação do jovem enquanto cidadão.

É referido que os conteúdos e áreas de exploração presentes e ordem dos mesmos não foram alterados, aos quais sugere que se dê importância partindo de um princípio de relevância, ou seja que se seleccione de acordo com as necessidades apresentadas no decorrer da formação dos alunos. Segundo o que é descrito no currículo, a selecção foi realizada de modo a manter como parceiro organizacional uma proposta de abordagem sequencial *“baseada na experiência de prática lectiva e tendo presente o desenvolvimento cognitivo dos jovens.”*(programa nacional de Edu. Visual 3º ciclo)

Esta reestruturação deve-se também ao facto de que a nova organização curricular prevê que a disciplina de Educação Visual é descontinuada para alguns alunos no final do Básico, pelo que alguns apenas o frequentam até ao final do 8º ano de escolaridade.

No que compete à dinâmica curricular, por esta não apresentar uma ordem sequencial de conteúdos e metodologias restrita, atribui às escolas e professores o papel principal em todo o processo de selecção e conteúdos e abordagens no processo de ensino. É proposto no presente programa uma adequação de conteúdos e matérias à realidade local, assim como momento oportuno a desenvolver.

A meu ver isto representa uma desvantagem ou, pelo menos, uma deficiência no processo, pelo que como resultado desta proposta baseada em projectos educativos

específicos e realidades adaptadas, resultarão divergências entre localidades, escolas, turmas e alunos, isto no que compete a qualidades e competências de aprendizagens. Isto porque a adequação à realidade proposta não é apresentada de uma igual forma geral, assim como os conteúdos apontados como relevantes por alguns professores, podem não ser igualmente importantes para outros, não só de conteúdos falamos mas também a ordem sequencial dos mesmos possivelmente afectará o desenvolvimento de competências. O principal elemento onde estas divergências possivelmente se poderiam fazer notar seria um elemento de avaliação externa.

Um dos pontos fortes do programa baseia-se na articulação interdisciplinar. Esta recomendação foca-se numa importante gestão de conteúdos simultâneos entre disciplinas, o que permite potenciar e facilitar aprendizagens através de trabalho conjunto.

O Desenho, Pintura e Escultura são as áreas de exploração classificadas como prioritárias. O primeiro é descrito como a base de toda uma linguagem plástica, entende-se portanto que os conteúdos de maior relevância se centram em torno a prática do Desenho.

O plano de organização apresentado encontra-se dividido por conteúdos e subdivisões, resultados pretendidos em cada um dos mesmos e respectivos anos escolares a que cada um se aplica. Para além de todos os tópicos anteriormente mencionados, há uma inexistência de sugestões metodológicas, algo que considero bastante importante já que em alguns dos conteúdos deve existir algum tipo de auxílio por parte do programa no planeamento, mesmo que a sugestão não passe disso mesmo, uma sugestão.

Dos conteúdos que seleccionei como relevantes no decorrer da minha experiência e prática de ensino supervisionada salientam-se: Códigos da comunicação visual; papel da imagens na comunicação; Estrutura/Forma/Função; Percepção visual da forma.

3. Tema - Ilustração a falsa novidade

3.1. Pesquisa Científica

A falsa novidade ilustrativa insere-se nas matérias presentes nos actuais programas escolares do ensino artístico, a necessidade de atualização de conteúdos adequada à realidade artística em constante mudança fora das restrições dos conteúdos programáticos. No presente caso salienta-se o conteúdo Ilustração como um dos candidatos a essa atualização. Hernandez aborda esta questão, mais concretamente no que toca à mentalidade escolar face aos currículos e métodos de ensino “(...) procura-se transgredir a visão do currículo escolar centrada nas disciplinas, entendidas como fragmentos empacotados em compartimentos fechados, que oferecem ao aluno algumas formas de conhecimento que pouco têm a ver com os problemas dos saberes fora da Escola.” (Hernandez, 1998, p 12). Entende-se os conteúdos programáticos como inalteráveis, focados no aspecto técnico da matéria, inadequados e distantes de uma realidade atual. Este desfasamento é também referido por Hernandez quando foca que “A Escola que hoje temos responde em boa medida a problemas e necessidades do século XIX, assim como alternativas que se oferecem têm as suas raízes no século XVII (...)” (Hernandez, 1998, p 13). Segundo o autor, as estratégias postas em prática devem ir além dos conteúdos programáticos. O ideal alcançável centra-se numa educação artística para o século XXI com bases anteriores, a falsa novidade ilustrativa centra-se nesta ideia, as raízes advêm de épocas anteriores, algumas recentes, mas as matérias atualmente dadas, focam-se numa transmissão de conteúdos para o passado. O surgimento de novos autores, novos métodos de desenvolvimento e novos panoramas, colocam a ilustração novamente num patamar dito artístico. Este lugar era tido anteriormente como uma arte menor, ou meramente decorativa. Recentemente se compreende o verdadeiro objectivo desta disciplina artística, ao contrário da arte decorativa que serve o propósito de agrado visual, a ilustração intenciona. Antunes defende que na ilustração “(...) existe uma mensagem clara e definida que precisa ser comunicada e recebida conforme o ilustrador a concebeu (...)” (Antunes, 2007, p.4). Esta compreensão e comunicação, começa na aprendizagem de tais competências, através de construção gradual de conhecimentos teórico-práticos que auxiliem esta capacidade, assim como a qualidade da aprendizagem apresenta-se como elemento estruturante dos mesmos. Dewey fundamenta isto ao defender que quando não se compreende o que se aprende, não há uma boa

aprendizagem. É nesta medida que se objectiva uma didáctica que aborde vários aspectos do universo ilustrativo, seja em contexto histórico, social, cultural e profissional. Esta metodologia maximiza a aprendizagem, não só por uma maior abordagem, mas porque foge dos limites impostos pelo programa, possibilitando uma maior opção aos alunos, quer a nível prático, quer visual. Os atuais conteúdos presentes no programa enquadram-se no universo ilustrativo, mas apenas numa pequena parte.

3.2. Contextualização

A técnica ilustrativa, apresenta-se por definição como construção de uma imagem que represente algo, que defina, interprete ou ilustre um significado acrescentando informação visual à já existente. Por vezes nomeada simplesmente como um “desenho”, “pintura” ou “gravura”, diferencia-se destas por acompanhar um conceito, uma ideia ou uma intenção, tornando-se uma ferramenta para alcançar um fim.

A representação pictórica de uma intenção tem associadas várias considerações sejam elas de afirmação pessoal ou comunicativas direccionadas a um determinado público, a ilustração foca-se maioritariamente nesta última, ponto que se diferencia do desenho ou da gravura por exemplo. Não é apenas uma disciplina artística, é uma arte comercializada com o objectivo de alcançar o maior número de públicos possíveis. Por outro lado, a ilustração baseia-se principalmente na cultura do próprio artista, exercitando a própria criatividade, o que acaba por revelar o envolvimento e afirmação pessoal na obra, tal como sucede com a escultura ou pintura ou outras disciplinas artísticas construídas com um envolvimento íntimo do artista.

A ilustração têm apresentado ao longo da sua história de popularidade, altos e baixos nas diferentes áreas que a compõem, das quais destacamos maioritariamente a ilustração narrativa, comumente conhecida pela maioria das pessoas como banda desenhada. Num contexto histórico é possível encontrar alguns primórdios deste tipo de ilustração, começando pela arte rupestre, o homem do Paleolítico criava principalmente nas paredes de cavernas como a caverna de Lascaux, por exemplo, imagens pictóricas, possivelmente não com o sentido de arte ilustrativa mas com objectivos espirituais ou religiosos. O carácter narrativo das imagens surge dos temas das mesmas como intenção

de representar caçadas importantes ou tributos a uma força maior como forma de gratidão pelos objectivos alcançados (sejam caçadas bem sucedidas, fertilidade ou até de teor místico e espiritual). Em algumas pinturas é possível identificar uma narrativa dividida temporalmente por cenas, no que se entende já como o princípio de um objectivo ilustrativo (narrativo).

No antigo Egito já nos é possível encontrar exemplos concretos de uma intenção ilustrativa, através da simbologia dos diversos elementos pictóricos que acompanhavam, quase como uma linguagem paralela, os hieróglifos, o que corresponde a uma das características principais da ilustração, a fusão entre imagem pictórica e texto. Assim, como na arte rupestre, também os temas variavam de acordo com os conteúdos nelas representados, salientamos os motivos religiosos, vida após a morte e vida dos faraós. É também no antigo Egito que surgem as primeiras aproximações, possivelmente não intencionais, da caricatura (vertente da ilustração) através de excessos na representação da figura humana, maioritariamente das famílias reais.

Um pouco mais à frente na história, na Arte Românica por volta do séx XI encontramos uma obra considerada o primeiro grande ícone da ilustração, falamos da tapeçaria de Bayeux, uma narrativa visual dividida por nove secções acompanhada por inscrições em latim. Esta peça descreve a invasão e conquista da Inglaterra. O método construtivo desta peça mostra-nos todas as características da técnica atual, principalmente pelo texto presente, que apesar de reduzido e inserido não descreve a ação, o que nos transporta imediatamente para o foco de atenção principal, os elementos pictóricos que pelas diversas fases descrevem visualmente toda a ação. A tapeçaria de Bayeux representa já um ideal de ilustração, a descrição visual ou a transmissão de uma intenção. Usando como exemplo esta obra, abordamos o posterior início da variante mais comum ou globalizada da ilustração, a banda desenhada.

A banda desenhada ou “*arte sequencial*” (Eisner, 1985) têm início em Portugal por volta de 1850, com uma publicação numa revista popular. Na altura as publicações portuguesas eram principalmente feitas em revistas deste tipo, com narrativas baseadas em cenas do quotidiano. O grande princípio deste género de ilustração deu-se por volta de 1895 com a BD “The Yellow Kid” considerado o primeiro comic dos Estados Unidos da América. No ano seguinte foi lançada uma edição a cores (a primeira BD a cores). A partir deste primeiro início, outros exemplos de banda desenhada americana surgiram

como o Tarzan (1929), Buck Rogers (1929), Flash Gordon (1934), Mandrake (1934) ou o Superman (1938). Surgem posteriormente outros géneros de Banda Desenhada, como a Franco-Belga com publicações como Asterix e Obelix, Tintin, ou Lucky Luke. Assim como a BD japonesa ou Mangá, maioritariamente com adaptações a vídeo. As características desta disciplina artística variam pelo modo como é concebida, assim como o fim a que se destina. Regra geral é construída através de uma separação de cenas por quadradinhos, com um seguimento descendente e com balões onde são introduzidas as falas das personagens. Há exceções a estas regras, nomeadamente o webcomic, onde existe uma maior dinâmica no que consta à separação por cenas que pode ser inexistente, assim como os balões de fala podem ser apresentados apenas pelo texto que conteriam. As técnicas de concepção variam principalmente entre o método tradicional, o desenho 3D, vectorial e fotografia. Este último é principalmente usado no fotojornalismo ou fotonovela.

Também próximo da Banda Desenhada, mas apenas num dos pontos de desenvolvimento, temos a caricatura, uma imagem pictórica estilizada de representação. Esta é desenvolvida com um intuito de representar a visão pessoal do artista face a uma pessoa ou objecto. Este género de ilustração é particularmente interessante porque a intenção acoplada advem de uma compreensão pessoal da forma ou das características presentes no modelo. É definido pelo teor humorístico do resultado final e pela aplicação do exagero ou acentuação de traços, gestos ou hábitos da personalidade e carácter físico do indivíduo.

Outra vertente da Ilustração, a Ilustração Científica, apresenta-se como partilhada com outra área do saber, as ciências. Este tipo de ilustração centra-se no alto detalhe visual e no hiper-realismo, com um objectivo altamente descritivo, destinam-se a ilustrar com rigor algo relacionado com a área científica. As técnicas desta vertente circunscrevem-se principalmente ao desenho, pintura hiper-realista e fotografia.

Próximo do objectivo da ilustração científica encontramos a infografia, construída com o intuito de aliar imagens descritivas a textos específicos, de modo a conceder auxílio à compreensão. Este tipo de ilustração tem a particularidade de ser compreendido sem a inserção de texto. A semelhança deste género com outros métodos de ilustração resume-se à transmissão de uma intenção, já que o contexto em que é aplicado diverge de outros métodos ilustrativos. Geralmente com uma linguagem gráfica, consiste em

transmitir um acontecimento, ou um facto, como o diagrama, exemplificativo ou explicativo de algo. Um dos exemplos de fácil compreensão, são as instruções visuais na construção de um objecto.

Um dos géneros que existe há décadas e que passa despercebido ao público comum, que o considera banal nos dias de hoje, digno de uma atenção intencional não concedida, é a ilustração infanto-juvenil. Como exemplo, podemos abordar as ilustrações presentes nos manuais de Português do Ensino Básico, cada um dos textos é acompanhado de uma ilustração, ainda que esta não seja estritamente informativa, pelo carácter visualmente agradável e contextual face ao texto que ilustra, ou até como introdução dos próprios conteúdos que representa. Este género de ilustração foi concebido com um objectivo principal, : tornar os textos mais apelativos ao público-alvo. Esta finalidade enquadra-se também em termos pedagógicos, para uma criança ou um jovem algo que seja visualmente agradável ganha atratividade face a um texto que seja apenas isso mesmo. Isto constitui, na maioria dos casos, uma hipótese para se construir uma aprendizagem motivada.

Em termos profissionais a ilustração infanto-juvenil baseia-se em acordos ou parcerias entre editoras e artistas da área, freelancers ou não, que analisam o texto e os requisitos da editora dos quais, mantendo como ponto de partida, constroem uma ilustração adequada ao texto em questão. Os temas variam consoante o conteúdo literário. Maioritariamente neste género de ilustração foca-se o desenvolvimento de obras que abordem a realidade alterada, como a fantasia ou a ficção.

A maioria dos conteúdos presentes anteriormente são provenientes do campo da ilustração narrativa. Além desta, a partir de um ponto de vista da realidade atual, surge um género que diverge dos seus antecessores: a ilustração publicitária. Ligeiramente perto de alguns métodos infográficos, é desenvolvida maioritariamente com um objectivo comercial, a aliança entre a representação e o objecto em si, não apenas com o intuito transmissivo da mensagem pela imagem, mas de captar a atenção, oferecer destaque, marcando pela diferença. Este método ilustrativo constrói uma das ofertas à real procura do campo artístico, principalmente pela introdução dos meios informáticos na construção de elementos pictóricos, característica fortemente explorada pelos atuais artistas ilustradores. As campanhas publicitárias que recorrem a suportes estáticos (imagem não animada) utilizam principalmente a ilustração como meio de transmitirem um fim. A

intenção através da mensagem visual torna-se o foco central do artista e promotor comercial. Este tipo de ilustração é exposto nos mais variados suportes, revistas, jornais, placares publicitários, internet, flyers ou panfletos entre outros, e desenvolvido através de várias técnicas, seja o método tradicional (pintura, desenho, colagem), desenho 3D, vectorial, ou fotografia.

Atualmente o enfoque concedido à ilustração têm revelado um acréscimo de crédito face a outras áreas artísticas. A ilustração apresenta-se nos dias de hoje como uma tendência, uma ascensão da disciplina artística, um método que necessita de uma prévia preparação qualitativa no campo artístico como forma de protagonismo e marca individual. Sem uma preparação, por exemplo, de Desenho, são raros os casos em que a ilustração é bem sucedida e de um nível de qualidade superior. É um facto que se pode elaborar uma boa imagem pictórica mas sem grande capacidade de transmissão de conteúdo, como o caso de um livro em que é necessário construir destaque e cativar a atenção do espectador pela proposta de capa, enquanto simultaneamente esta se apresenta como uma amostra do conteúdo interior do próprio livro. O segundo objectivo só será conquistado com sucesso se a imagem alcançar o nível de compreensão do espectador (podendo este interpretar a partir de diversos pontos de vista).

A técnica é apresentada como falsa novidade por se encontrar atualmente no tempo da “moda” ou na “onda”, campo este representado por temporadas ou épocas cronológicas em que uma disciplina se apresenta como “*o que está a dar*” (Melo 1994, p 25), ou seja, uma tendência a curto prazo que satisfaça o sistema. A ilustração encontra-se atualmente a alimentar o sistema com o que este necessita, uma técnica que represente ideias, que não seja ouvida nem lida, mas vista. É neste campo que integramos a “falsa novidade”, uma caracterização para algo que já existe mas que só agora é aclamado como útil ou produtivo. As áreas profissionais que a ilustração alimenta ou complementa como o sector literário ou o cinema de animação, que se encontram em expansão, nas últimas décadas elevam o conceito de ilustração acima de outras áreas artísticas até a mesma já ter recebido, numa das suas variantes “banda desenhada”, o nome de Nona Arte. Neste contexto é perceptível que a ilustração atualmente oferece o que a procura necessita.

Nos dias de hoje deparamo-nos com outra realidade do universo ilustrativo relativa a quem a produz. O termo “*freelancer*” tem ganho alguma popularidade, nalguns casos pela positiva, noutros nem tanto. A ideia de manter artistas ilustradores sobre a alçada de

editoras, ou empresas de publicidade, tem vindo a decrescer. A procura passou a ser feita, não por quem necessita, mas por quem a produz. Excluindo algumas vertentes da ilustração, a concepção através de autodidatismo, apropriação ou reprodução, obriga os artistas a procurarem quem necessite ou quem aplique o seu trabalho. Esta necessidade produziu uma expansão da Ilustração a outras áreas artísticas. A introdução de novos media e o aumento dos meios de desenvolvimento e de propagação contribuiu para uma fragmentação e flexibilidade da própria disciplina artística, alargando-a a outras vertentes que não a sua como complemento ou produto inicial. Esta contaminação a outras áreas tornou a ilustração numa área multidisciplinar e abrangente, tanto pelo aumento de possibilidades, como pelo leque de oportunidades aplicáveis da mesma.

Através dos factos explicitados anteriormente, é possível construir uma suposição do futuro da ilustração num veio profissional, que passa simultaneamente pelas disciplinas como a Banda Desenhada, Infografia, Ilustração Científica ou Infanto-Juvenil, assim como pelas as novas ofertas profissionais. A grande aposta surge em quatro vertentes distintas, o universo publicitário, principalmente a propaganda online, o cinema de animação, os jogos de vídeo e o design em geral. O primeiro é entendido como um futuro para novos artistas, já que da expansão da área publicitária emergem novas oportunidades para profissionais do campo artístico. A intenção neste caso é clara, representar o produto, captar a atenção do público, dissuadir o indivíduo. A publicidade web, detém todas as características favoráveis à prática ilustrativa aplicada em contexto profissional (comercial), o suporte estático, ligeiramente ou totalmente animado, a representação do produto, a construção de uma imagem pictórica marcante e a transmissão de intenção, são traços marcantes deste género de produções. Claro que se entende que todo este processo não é apenas desenvolvido pelo artista, uma produção publicitária basicamente obriga a um trabalho conjunto entre um profissional de marketing, informático e um ilustrador que transforma uma ideia em algo concreto. A oportunidade não surge só pelas qualidades técnicas dos artistas/ilustradores, o conhecimento do público alvo revela-se um elemento chave no que toca a direccionar o trabalho artístico. Este é um conhecimento bem presente ou definido, já que toda uma atividade profissional se destina a distintos grupos sociais.

A segunda aposta baseia-se no cinema de animação, mais concretamente animação com StopMotion ou Animação Digital. Já anteriormente era entendido o papel fulcral que os ilustradores desempenhavam na área. Isso não mudou, apenas sofreu uma atualização. O papel de um artista plástico antes da “revolução digital” era criar os slides, um a um,

que em sucessão construiriam o movimento. Com a animação digital o papel do artista remete-se à prévia preparação dos elementos, como o storyboard, animatic, ou construção das personagens e cenários segundo a sua personalidade e características.

Não só a construção dos personagens e restantes elementos necessita de competências anteriormente adquiridas sejam elas técnicas, ou de conhecimento teórico no campo das artes, por exemplo noções de anatomia artística, ou perspectiva e noções de espaço, atuais realizadores como Tim Burton (internacional) ou o José Miguel Ribeiro, realizador e também ele ilustrador, recorrem a ilustradores no desenvolvimento de elementos presentes nos seus filmes.

A indústria dos videojogos é sem dúvida a que maior número de mutações sofreu ao longo das últimas duas décadas. Chamemos-lhe pixel art, derivando para uma noção de realidade aumentada com possibilidades infinitas. Seja a nível de pequenas, médias e grandes produções, existe a intervenção de um ilustrador. Um pouco à semelhança da animação, também ele dá vida aos personagens, cenários ou objetos. O foco dos ilustradores nesta indústria não se baseia única e exclusivamente no entretenimento. Há outra área recente com alguma presença atual: os jogos didáticos destinados a um público de faixa etária reduzida (3-10 anos) denominada também de novos públicos infanto-juvenis. Os jogos educativos, além do presente conteúdo lúdico destinam-se a estimular e facilitar o desenvolvimento de processos cognitivos. A criança é estimulada a desenvolver competências psicológicas e motoras, através dos vários tipos disponíveis. Em especial chamamos à atenção os jogos narrativos, estes transformam o utilizador numa personagem da história, no caso de um jogo destinado a um público infantil, podemos apelidá-lo de jogo de representação. Normalmente estes seguem uma narrativa de uma história infantil, com o intuito de possibilitar uma aprendizagem literária, ou de associação de elementos. Também nestes casos o aspecto visual desempenha um papel fulcral.

Por último destacamos o campo do design onde a ilustração têm ganho terreno, produzindo um novo termo “designer de ilustração”. A ilustração têm vindo a ser utilizada pelos designers no desenvolvimento gráfico dos seus produtos, onde a procura pela atratividade é ganha através do reconhecimento ou por associação pessoal do sujeito. Principalmente no design gráfico, a ilustração ganha pela capacidade transmissora de conceitos, associada à cultura visual do indivíduo. A contaminação por parte de outras

entidades visuais constrói inúmeras possibilidades que o ilustrador pode agarrar. Novamente, abordamos o papel desempenhado pela ilustração, a associação por meios visuais e criativos de um certo objecto a um conteúdo do conhecimento do consumidor, por exemplo, é um dos objectivos do produtor.

Para todos os parâmetros, temas, conteúdos e disciplinas acima abordados é necessária uma construção de competências técnicas e conceptuais. Esta têm duas hipóteses, ou é construída através de um empenho autodidata, planeamento individual, sem a supervisão de um profissional competente, onde o único “júri” conceptual é o próprio conhecimento e competências. A segunda hipótese passa por um desenvolvimento gradual de competências técnicas e conceptuais, através de diferentes níveis de ensino artístico, sendo estes processo acompanhado por profissionais competentes em diversas áreas artísticas, que ajudem e facilitem o direcionamento e desenvolvimento de especialidade. Esta via possibilita uma compreensão, enquadramento de competências com maior solidez do que apenas um interesse e autodidatismo. Numa perspectiva idealista, a vocação pessoal para um certa área só é descoberta através da experimentação, neste medida é imperativa uma abordagem a um vasto leque de conteúdos durante a fase escolar dos jovens. Isto é meio caminho andado para um aperfeiçoamento com sucesso de competências a nível individual.

As características da ilustração facilitam de certa forma uma abordagem geral ao conceito base, a transmissão de uma ideia. Este é também um dos pontos base do universo das artes visuais, a transmissão de um conceito, o “porquê” da obra. A preparação artística, principalmente a nível superior, gira em torno do conceito, a obra têm que ter uma razão, ou não passa apenas de um mero objecto tecnicamente bem conseguido. A ilustração enquanto disciplina desenvolve esta competência, o enquadramento conceptual da obra, seja em que suporte for. Em termos didáticos aborda diretamente um dos conteúdos principais, a comunicação visual, desenvolve o processo criativo, potencia a construção de uma maior cultura visual, já que o universo ilustrativo é bastante abrangente, além de ainda apresentar inúmeras possibilidades no desenvolvimento até de outras vertentes artísticas, podendo estas serem tidas em conta de uma forma multidisciplinar.

3.3. Definição Clara do Problema

O presente problema é identificado no programa da disciplina de Educação Visual que compromete o 2º e 3º Ciclo de escolaridade, assim como no programa da disciplina de Desenho A que compromete todo o ensino Secundário. Atendendo ao atual contexto sociocultural e profissional, aponta-se a ausência nos programas de uma abordagem aprofundada da Ilustração enquanto disciplina artística, assim como as possíveis consequências dessa mesma ausência.

Numa abordagem aos conteúdos presentes no programa da disciplina de Educação Visual do ensino básico, identifica-se como único conteúdo presente de abordagem à Ilustração, uma das suas variantes: a banda desenhada. Desta entende-se a importância da narrativa sequencial e a aprendizagem motivada que da mesma é possível construir, sendo a banda desenhada alvo de interesse da faixa etária compreendida no 2º e 3º ciclo e não só. Nos conteúdos presentes no Manual de Educação Visual de 7º, 8º e 9º ano é feita uma pequena abordagem teórica à prática da BD, onde é presente a definição de narrativa e a forma como esta é construída e dividida em bandas, construção de balões de fala, enquadramento e noção de movimento. Aliada à teoria é também apresentada parte da metodologia de desenvolvimento da mesma numa forma semelhante a um exercício prático. Destaca-se a ausência de enquadramento histórico da prática, disciplina artística (ilustração) da qual a BD faz parte, assim como de alguma linha guia sobre os conteúdos a tratar na banda desenhada. Como tal é possível concluir que os conteúdos que abordam a ilustração no 2º e 3º ciclo, apenas o fazem a uma pequena parte do universo desta vertente artística.

Revela-se uma total ausência de abordagem minimamente aprofundada ao universo da ilustração e as possibilidades didáticas e pedagógicas que a mesma pode proporcionar, não só falamos de termos técnicos, diversidade de materiais ou pluralidade de possíveis caminhos a tomar por um único ponto de partida, a transmissão da ideia ou intenção pela imagem. Esta base não se aplica apenas à ilustração, a ideia de conceito associado encontra-se presente em diversas áreas e disciplinas artísticas, o que reforça a ideia de fomentar um conhecimento e capacidade de criar para transmitir, dar a conhecer ou não.

Não só esta competência é afectada, as capacidades técnicas que são passíveis de desenvolver com uma abordagem ilustrativa, perdem-se, existindo por vezes alguma

adaptação razante aos conteúdos, auxiliado por alguma iniciativa pontual do professor encarregue da disciplina.

Toda uma metodologia deve ser desenvolvida e aplicada principalmente na faixa etária que compreende o 7^a,8^o e 9^o ano de escolaridade, onde a cultura visual dos alunos é bastante reduzida, pelo que identifica-se uma extrema necessidade de conhecimento teórico, principalmente de natureza visual. A motivação conseguida através das matérias também deve ser um dos objectivos principais. A aprendizagem motivada revela-se uma mais valia e pode ser conseguida através da abordagem feita à ilustração. Principalmente à que de um modo lúdico aborde os interesses que compreendam a faixa etária alvo. É neste momento em que os conteúdos presentes no currículo apresentam a deficiência ao apenas se basearem numa das áreas da ilustração (BD), afastando as demais vertentes, numa etapa onde os jovens se encontram mais receptivos ao conhecimento que os guiará nas diversas etapas do seu percurso artístico escolar e possivelmente profissional.

A área de exploração ausente, possibilita algumas abordagens que apliquem conteúdos presentes no programa, apesar dos mesmos serem direccionados principalmente a outras matérias que não a ilustração, conteúdos como o espaço, estrutura, forma ou estética, já que a comunicação visual é o conteúdo principal da ilustração.

As competências técnicas adquiridas pelos alunos colocam de lado um dos pontos fulcrais do universo artístico, a comunicação visual, a intenção, e o motivo pelo qual o objecto foi construído e porquê dessa construção. No 2^o e 3^o ciclo a resposta à intenção é muitas vezes descrita como intuitiva, ou criativa, pela reduzida contaminação visual presente na cultura dos alunos.

O que noutras áreas é um pouco menosprezado, na ilustração a criatividade é um dos elementos principais a abordar, o processo de interiorizar o conceito ou a ideia e reproduzi-la em termos pictóricos revela a certos aspectos a capacidade criativa de certos alunos. Não só como resultado, valorizamos a ilustração porque também é tida como uma face positiva para o docente, já que mediante o exercício prático ou a abordagem teórica, lhe possibilita conhecer a que nível a turma se apresenta.

Ainda no atual programa da disciplina, descrito como um ajustamento, revela-se uma faceta particular, uma lógica adaptativa na qual se compreende que toda a abordagem que

se possa fazer à ilustração é deixada à responsabilidade do professor encarregue da disciplina.

Já que falamos de uma maior capacidade criativa dos alunos do 2ª e 3ª ciclo escolar, agora abordamos o Ensino Secundário, onde as competências técnicas apresentam um maior desenvolvimento e evolução. No programa da disciplina de Desenho A de 10º (que abrange o 10º, 11º e 12º ano) salientamos duas das competências principais a desenvolver, às quais a Ilustração permite uma abordagem pertinente: observar e analisar, interpretar e comunicar.

Na primeira entende-se o desenvolvimento da capacidade observativa e analítica, principalmente na compreensão da forma, estrutura e enquadramento. Não falamos da fase posterior de registo visual, apenas da compreensão. O interpretar e comunicar incide especialmente na compreensão de mensagens visuais e construção criativa das mesmas, baseado num contexto cultural.

Estes pontos apresentam-se importantes na medida em que a inclusão da ilustração desenvolve duas das principais competências, a compreensão e a comunicação, ambas necessárias no contexto artístico. A compreensão ganha importância face à interpretação de mensagens (ideia) através de meios visuais ou pictóricos, não narrativos.

O conteúdo ou o conceito principal da obra, neste caso do objecto ilustrativo é matéria visual palpável apenas se for compreendida. A comunicação enquanto ponto integrante do programa, é igualmente uma das competências principais a desenvolver, não só importante para a prática ilustrativa, mas de todo o universo artístico. Numa lógica fora da ilustração narrativa, os termos comunicativos ganham magnitude no entendimento do público “comum”, ou seja, não basta que exista a intenção, esta tem de ser bem comunicada. A compreensão deste ponto é digna de atenção, já que um artista (ou ilustrador) não é compreendido se não for claro naquilo que comunica.

O programa da disciplina de Desenho A de 11º e 12º ano integra sugestões metodológicas, das quais sublinhados uma destinada ao 12º ano escolar “Ilustração de um livro”. Esta unidade de trabalho é composta pela ilustração de um livro à escolha, num conjunto de 6 imagens, figurativas ou não, com especial atenção à coerência gráfica, com liberdade de recurso a elementos informáticos, tendo com objectivo final uma maquete do livro escolhido. Sendo considerada como uma metodologia sugestiva, apresenta a

possibilidade de ser usada, mantendo a vulnerabilidade de ser alterado ou nem sequer ser aplicado. Apesar de bem construída em termos didáticos, mantendo a possibilidade de alteração e adequação à dinâmica da turma, fá-lo apenas a uma vertente do universo ilustrativo. A inexistência de uma ordem sequencial de metodologias a executar também afecta a aplicação e execução do exercício e do próprio conteúdo. Também pelas metodologias podemos salientar um ponto: alguns dos conteúdos dados de certa forma, podem ser desenvolvidos através da ilustração, isto numa procura de aprendizagens motivadas.

Perante as abordagens presentes nos programas das disciplinas acima referidas entende-se primeiramente uma necessidade compreensiva sobre a ilustração, os temas que aborda, os diferentes métodos de desenvolvimento e variedade de aplicações, quer a nível profissional, quer a nível didático. A nível profissional compreende-se um amplo leque de áreas de desenvolvimento, a falsa novidade da ilustração está bem latente no atual universo artístico, a ideia de que a ilustração é só aplicável em Banda Desenhada ou em ilustração de livros/imagens enfrenta o obsoleto. O universo ilustrativo abrange muito mais para além disto, a inclusão destes conteúdos potencia não só uma maior cultura visual, mas também o desenvolvimento de competências aplicada à atualidade dependendo do meio, e contexto sociocultural.

O atual universo artístico apresenta necessidades técnicas e competências comunicativas que por vezes não são profundamente abordadas, já que o ensino se deve basear no atual. A procura por conteúdos, conceitos, obras e um enquadramento conceptual deve ser constante. Uma das disciplinas artísticas em ascensão por variados motivos é a Ilustração, a sua introdução enquanto matéria relevante é pertinente do ponto de vista de melhoria da qualidade do ensino atual.

A importância desta disciplina artística incide principalmente no acréscimo de cultura visual que pode proporcionar e não só nas competências que a mesma pode desenvolver. Já que, como anteriormente foi referido, se revela uma área que abrange um elevado número de finalidades possíveis, podemos afirmar que a ilustração se apresenta como um bom meio de partilha visual, algo a ter em conta pelos atuais docentes de disciplinas artísticas do ensino regular na sua prática de ensino. O recurso a estes conteúdos dependendo da sua seleção e metodologia, pode abordar em simultâneo áreas como a percepção visual, a expressão gráfica e a comunicação visual. O aprofundamento das

mesmos depende hoje da iniciativa do docente em aplicar tais conteúdos, como a abordagem a principais artistas nacionais e internacionais relevantes no universo ilustrativo.

De uma importância reveladora são também as aprendizagens motivadas que das diversas vertentes ilustrativas são possíveis de obter. "*Toda conduta é ditada por um interesse*" (Claparède, 2004), pelo interesse latente nas faixas etárias que comprometem os níveis de ensino e pela cultura infanto-juvenil atual.

3.4. Metodologia

Face ao presente tema procedi a uma pesquisa e conhecimento dos atuais programas curriculares da disciplina Educação Visual referente ao 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico, assim como Desenho A referente ao Ensino Secundário, aliado ao interesse pessoal pela Ilustração enquanto disciplina artística. Após uma análise cuidada de conteúdos e metodologias presentes nos programas das disciplinas, procedi a um conhecimento mais aprofundado do que atualmente se desenvolve no campo ilustrativo, assim como todo um contexto histórico da Ilustração.

A primeira prática desenvolvida numa turma de 7º ano surge da pesquisa sobre o que atualmente é desenvolvido na ilustração comercial principalmente ilustração de literatura infanto-juvenil, em coordenação com elementos potenciadores de aprendizagem motivada. Para tal selecionei conteúdos literários culturalmente já presentes nos alunos, assim como artistas e respectivas obras direcionadas a esta faixa etária. O resultado traduziu-se numa abordagem teórica e prática sobre a atual ilustração infanto-juvenil. Foram abordados ilustradores como José Miguel Ribeiro, Nina Masina ou Bernardo Carvalho, praticantes de diversas técnicas ilustrativas, como forma de maximizar os conteúdos transmitidos.

O projeto posto em prática baseou-se na construção de um livro ilustrado pelos alunos, este é composto por poemas já abordados na disciplina Português, os quais foi proposto com sucesso a ilustração em grupo de duas quadras de um poema.

Do que me foi possível apurar, os conteúdos presentes no programa nacional de Educação Visual e manual da disciplina abordam a ilustração enquanto arte sequencial

através de uma abordagem à Banda Desenhada. Perante isto procedi a um enquadramento dos respectivos conteúdos adequando-os à realidade atual, optando por desenvolver uma aula teórico-prática, na qual a primeira fase corresponde a uma abordagem histórica e conceptual, com o objectivo de fomentar alguma cultura visual nos alunos face ao tema desenvolvido. Na fase teórica procurei abordar a maioria das vertentes da disciplina como a BD, tira cómica, cartoon, fotojornalismo e webcomic. Para além destes considerei importante também dar a conhecer os principais produtores da “nona arte”, sempre acompanhados de elementos visuais enriquecedores.

Durante a abordagem teórica achei também importante uma exposição sobre o passo-a-passo da metodologia de construção de uma personagem, sendo esta tida como uma das primeiras práticas na produção de uma Banda Desenhada. Todo o processo de introdução à anatomia artística básica e enquadramento deu-se sobre a forma expositiva e visual através de exemplos criados especialmente para o efeito.

A fase prática foi construída segundo a parte final da exposição teórica, a preocupação principal incidiu sobre a construção de uma personagem. Neste ponto é tido em conta todo o processo de construção estrutural e resultado final. Como forma de evitar problemáticas de construção facial, foi fornecido os rostos de cada uma das personagens como auxiliar gráfico de modo aleatório numa maior procura de resposta criativa.

A intervenção no ensino secundário foi construída segundo uma exposição teórica igualmente de conteúdos atuais do contexto ilustrativo, de modo a transmitir conhecimentos numa lógica comercial, com incidência sobre o cinema de animação.

A fase prática desta abordagem incidiu igualmente sobre a construção de uma personagem, no qual foram fornecidos elementos auxiliares de construção, na expectativa de resolução através dos mesmos. A construção do personagem partiria dos elementos enquanto estruturais, fornecendo um ponto de partida ao resultado final. Esta abordagem insere-se como elemento avaliativo ou investigacional para uma fundamentação visual do presente tema, já que o meio em que é desenvolvido caracteriza-se como o ano final do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais. O que se procura é se os conteúdos anteriores foram retidos com sucesso, assim como se as capacidades e competências atuais da turma correspondem aos resultados esperados no exercício prático.

Os projetos e intervenções anteriormente referidos apresentam em todos os casos uma exposição teórica como meio introdutório à fase prática, primeira abordagem tida como bastante importante na medida em que constrói cultura visual e conhecimentos teóricos, através de conteúdos visuais e exposição contextual da minha parte sobre a prática ilustrativa. Foi de todo o interesse fomentar em ambos os níveis de ensino, um conhecimento geral sobre a prática ilustrativa e aplicações futuras.

3.5. Avaliação de resultados

No presente ponto é feita uma avaliação de resultados da conclusão dos diversos exercícios desenvolvidos no âmbito do tema “Ilustração, a falsa novidade”, estes foram desenvolvidos em turmas pertencentes a dois níveis de ensino, 7º e 12º anos escolar.

Os primeiros elementos avaliados surge no âmbito do projeto “Livro de Ilustrações do 7ºD”, desenvolvido através da Ilustração Narrativa Infanto-Juvenil como objectivo expressivo visual principal. Dos resultados finais seleccionamos duas ilustrações de dois poemas diferentes como amostra qualitativa.



Imagem. 3 – Resultado N° 1 do exercício “Ilustração”, autor: João Jorge

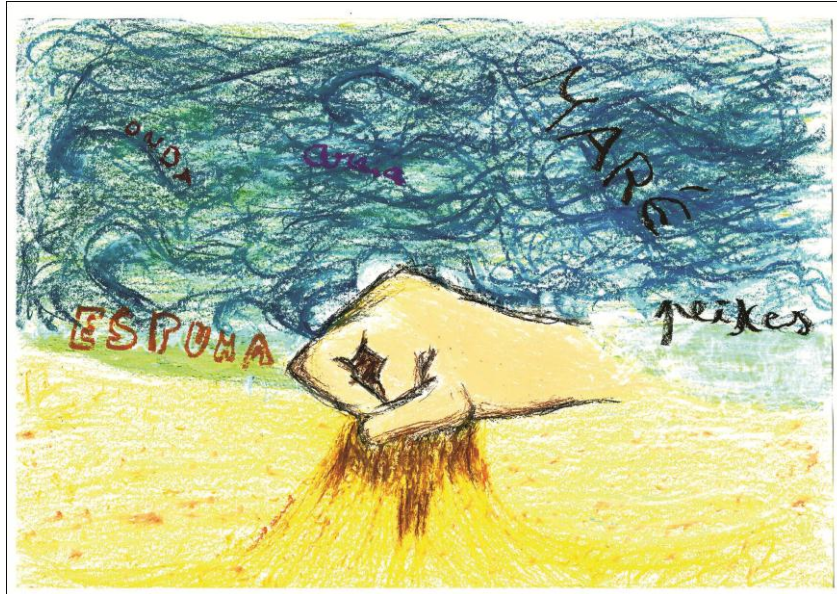


Imagem. 4 – Resultado N° 2 do exercício “Ilustração”, autor: João Jorge

Os presentes resultados surgem da análise e comunicação de elementos presentes no texto, apresentam-se como resultados conseguidos com sucesso, nos quais os alunos conseguiram construir elementos que representassem a ideia presente no tema, o recurso compreensível a elementos demasiado figurativos no primeiro resultado surge também aliado à técnica usada, a colagem foi uma das técnicas abordadas no decorrer do exercício. O conteúdo visual expresso (imagem 3) aborda elementos literários presentes no texto como “Lá vai a menina” ou “os cães”. A composição parte da intenção de movimento, ou uma sequência narrativa, já que no seu total se compreende que a menina passa enquanto os animais e os vizinhos olham.

O segundo resultado (imagem 4) apresenta uma análise contextual e construção visual mais cuidada e conceptual, através da composição é perceptível a ação presente no texto “as mãos do mar, pela areia”. Os elementos visuais construídos pelos alunos abordam esta transmissão intencional de um modo bastante concreto e criativo. A presença de elementos literários na ilustração foi uma opção dos alunos, o que acrescentou informação que embora importante, não seria necessária de um ponto de vista expressivo e analítico. Durante o desenvolvimento deste resultado, foi possível apurar também uma abordagem a outros conteúdos, já que a construção da mão foi feita através do processo “desenho à vista”, assim como os resultados de uma introdução de algumas noções de anatomia e perspectiva como auxiliar de construção visual.

O exercício anteriormente referido de Ilustração narrativa apresenta-se como uma proposta metodológica e didática a considerar, não só pela criatividade e positividade qualitativa dos resultados visuais obtidos, mas também pela possibilidade de introdução a outros conteúdos e a aprendizagens significativas que dos mesmos foi possível construir. Saliente-se, todavia, que é importante fazer uma exposição teórica introdutória e contextual dos conteúdos a desenvolver.

O segundo exercício desenvolvido com os alunos de 7º ano no âmbito da Ilustração, denomina-se “Personagem”, através do fornecimento de elementos pictóricos auxiliares e necessários à conclusão do exercício. O fornecimento destes elementos facilitou a construção, já que a preocupação principal incidia sobre o corpo do personagem e não sobre a sua face, já a adequação do rosto ao corpo tinha sido deixado por opção ao critério dos alunos.

Do presente exercício seleccionou-se três resultados finais. É necessário referir que alguns não se encontram concluídos devido à pequena margem temporal disponível para a sua conclusão.

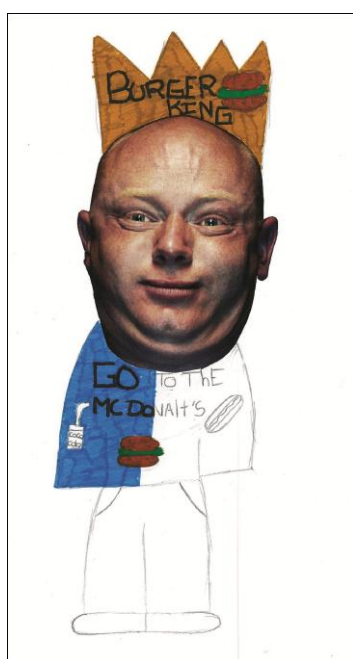


Imagem. 5

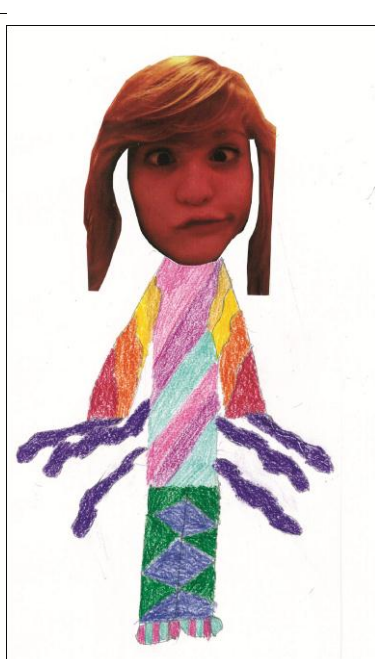


Imagem. 6



Imagem. 7

Resultados N° 1, 2 e 3 do exercício “Personagem”, 7º D (autor: João Jorge)

Nos resultados acima explicitados é possível compreender que todos os elementos são provenientes da cultura visual e resposta criativa dos alunos, abordamos primeiramente o resultado presente na Imagem 5 na qual, é perceptível influências da indústria alimentar ou fast food, as quais o aluno optou por enquadrar com o rosto, a crítica social intencional construída está explícita no elemento literário presente no texto. A nível estrutural, a intencionalidade de desenvolver uma personagem “robusta” é conseguida através de elementos visuais simples.

A imagem 6 aborda questões preferenciais a nível pessoal do autor (aluno), a construção do corpo do personagem têm influências no “Kimono”, uma vestimenta tradicional Japonesa, usada maioritariamente pelo público feminino, é nesta medida em que a associação ao rosto é feita. Não só este elemento é adaptado, também os membros superiores estão dispostos de maneira indefinida, assim como a expressão presente na face do personagem. A nível qualitativo é um dos poucos resultados totalmente concluídos.

O personagem presente na Imagem 7 foi desenvolvido segundo um conhecimento visual ou interpretação visual da aluna face ao indivíduo do rosto (Brad Pitt) conhecido ator de cinema. Em termos estruturais a aluna adequou o corpo ao rosto, através da procura de construção corporal da personagem fiel à realidade, onde é notória algumas noções básicas de anatomia, já que há uma preocupação em estabelecer os diversos elementos físicos e separação dos mesmos. Também este é um dos resultados totalmente concluídos.

Este exercício apresenta-se como bastante produtivo em termos motivacionais e criativos, o apelo à cultura visual presente é constante, já que os auxiliares estruturais são inexistentes. A motivação é conseguida através da implementação de um ponto de partida, o rosto, que na maioria dos casos apelou e auxiliou uma resposta criativa dos alunos adequada aos elementos visuais presentes, a aprendizagem surge da resposta como objectivo final.

Esta metodologia possibilita igualmente a abordagem a outros conteúdos fora do campo ilustrativo, principalmente conteúdos estruturais, comunicação visual e de

composição visual. O exercício surge também numa lógica adaptativa, como introdutória ao tema Banda Desenhada, prevista no programa nacional do ensino básico.

Dos resultados obtidos da prática “Personagem” desenvolvida na turma de 12º ano, são selecionados dois, concebidos pela mesma aluna, que demonstram o contraste entre os dois exercícios.



Imagem. 8

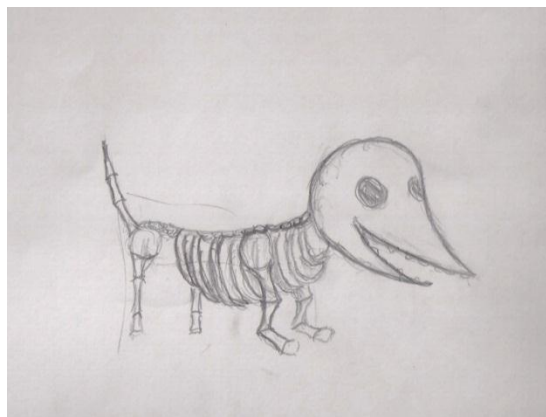


Imagem. 9

Resultados Nº 1 e 2 do exercício “Personagem”, 12º D (autor: João Jorge)

A personagem presente na Imagem 8 demonstra a importância dos auxiliares gráficos fornecidos, a estrutura disponibilizada está ligeiramente presente, assim como em compensação demonstra uma boa capacidade técnica de expressão. A resposta criativa revela alguns aspectos menos positivos, a imagem de um canídeo é apresentada à semelhança da realidade, apesar da aluna ter tentado fugir à mesma através da introdução de “asas”, revela também dificuldade em atribuir traços de personalidade ao personagem. Para um aluno de 12º ano a dificuldade de dar início à construção do personagem foi bastante, tendo sido necessário proceder a algum acompanhamento no auxílio, ainda após a explicação prévia de alguns conteúdos importantes na concepção para o mesmo exercício. O tempo disponibilizado para esta fase, foi maior em comparação com a fase seguinte.

O resultado demonstrado na Imagem 9 revela a importância de uma prévia construção de conhecimento visual. Nota-se uma preocupação em esboçar a estrutura exterior do personagem (corpo). Como previsto os elementos presentes no enunciado do exercício

anterior possibilitaram à aluna adquirir conhecimentos sobre a estrutura óssea do personagem, a qual ela representou de uma maneira bastante eficaz, entende-se então que facilitou a resolução do segundo exercício que apesar de mais limitado temporalmente, obteve melhores resultados a nível de estrutura e enquadramento.

Estes resultados revelam novamente a importância de um enquadramento e exposição teórica a diversos conteúdos, assim como a construção prévia de cultura visual. No que compete à construção de uma personagem, o processo passo-a-passo e abordagem a diversos exemplos atuais revelou-se bastante produtivo, já que sem essas bases dificilmente conseguiriam finalizar com sucesso o exercício. A resposta obtida revela uma tentativa de resposta pelas qualidades técnicas do desenho, o que por si só não chega. Uma abordagem em anos anteriores sobre estes conteúdos demonstraria uma maior capacidade de concepção, possivelmente a aprendizagem aprofundada da Banda Desenhada (personagens) ou outras vertentes ilustrativas, traduziria um melhor desempenho por parte dos alunos neste tipo de situações.

4. Planificação e Condução das aulas, impacto e avaliação de aprendizagens

4.1. Prespectiva educativa e métodos de ensino

O ensino destina-se a transmitir e fomentar regras, valores e conhecimentos, ao longo de todo um percurso escolar dos alunos. O professor enquadra, então, um papel de professor/educador, objectivando uma constante formação para a cidadania e consequente introdução enquanto indivíduo social, desenvolvimento cognitivo, assim como a construção de conhecimento e capacidades aplicáveis nas diferentes áreas do saber. *“O modelo Normativo visa o “bom professor” idealizado e universal, formado na transmissão e reciclagem de receitas pedagógicas, esta formação contribui para uma grande melhoria do desempenho de docentes e do ensino”* (Melo, 2011).

Pessoalmente considero que as bases de uma boa aprendizagem se situam entre a motivação, capacidades técnicas e conhecimento teórico aplicável. Em termos da minha área de formação, as artes visuais permitem aprendizagens das mais variadas características e diversas aplicações, abordando e adequando matérias e conhecimentos de gosto pessoal dos jovens. A minha área académica de formação, Multimédia aplicada às Artes Visuais, insere-se no actual parâmetro da cultura visual, que se encontra nos dias de hoje em expansão em diversas disciplinas artísticas, e tem como consequência inevitável uma certa satisfação pessoal, interesse e até gosto acoplado. Outra consequência, que considero positiva, é a procura pela actualidade nas artes visuais. Revejo este factor como uma potencialidade na medida em que me permite ensinar e educar para o presente e futuro de um modo não idealista.

Toda a preparação necessária no desenvolvimento de competências na minha área, e não só, advém da contínua formação escolar onde, por exemplo, valorizo maioritariamente o Desenho como base e instrumento principal de todo um método artístico. Para além deste, considero de uma enorme importância o conhecimento de culturas artísticas como a Escultura, Pintura ou a Arquitectura.

É claro que não me condiciono a nível pessoal e profissional a uma determinada área, também a compreensão dos diferentes níveis de conhecimento é algo que considero presente na minha perspectiva educativa, através de uma estratégia adaptativa. Considero pertinente adequar os presentes conteúdos a uma realidade actual ou não, se visar, por exemplo, o conhecimento teórico sobre uma disciplina específica, maioritariamente a um nível escolar como o Ensino Secundário, onde a preparação e maturação para o mercado profissional deve ser um pouco mais incisiva.

Os objectivos pretendidos em cada um dos anos que compõem o percurso escolar, na sua grande maioria, são compostos de forma a corresponder às necessidades da sociedade actual. Do meu ponto de vista, esta é uma sociedade em constante mudança, onde é compreensível, através da história, diversas pontencialidades e desvantagens do mundo artístico em parceria com a actualidade, nomeadamente o ensino artístico adequado às necessidades impostas pelo próprio contexto social.

A inclusão do professor no meio dos alunos também é bastante importante, pois há coisas que nunca mudam, mas actualmente, e devido a uma constante evolução tecnológica, deparamo-nos com novos públicos infanto-juvenis. Como resposta a este facto, toda a fase de reforma tecnológica dos estabelecimentos de ensino em curso veio possibilitar outras formas, dinâmicas de aula e práticas pedagógicas, não só em tempo curricular mas também a um nível extra-curricular. Este é um caminho a explorar, na medida em que se deve tirar todo o partido da situação, visando uma melhoria da qualidade do ensino.

Além dos objetivos presentes, as artes visuais não devem ser só um meio de transmissão de conhecimentos ou, como popularmente dito, um despejo de matéria, principalmente pelos diferentes pontos de vista possíveis em vários aspectos e não por um método demasiado racional. No papel de professor, deve-se procurar cativar os alunos de modo a alcançar o interesse pela disciplina, partilhar e construir experiências possíveis. Este objectivo deve ser posto em conta principalmente nos primeiros anos de formação escolar, numa faixa etária em que, pela cultura visual visivelmente reduzida, os alunos são “obrigados” a construir uma resposta criativa às dificuldades apresentadas. Esta resposta merece especial atenção por parte do professor na medida em que deve estabelecer pontes de ligação entre esses conhecimentos e os conteúdos que constituem as componentes de aprendizagem. A níveis de uso específico, cabe ao professor desenvolver o sentido crítico nos alunos, valendo-os de uma capacidade de compreensão de conteúdos e resultados, não só com uma perspectiva auto-avaliativa, mas também gratificante, de retenção e mais importante de reflexão.

A relação aluno/docente ganha importância nos processos cognitivos e construtivos de aprendizagem, pois opõe-se à ideia de uma aprendizagem meramente individual tal como o construtivismo Endógeno. Este último não cabe só aos alunos, o desempenho e trabalho de um professor também deve ser reflexivo a nível individual, na medida em que o mesmo deve compreender resultados, estratégias e metodologias numa avaliação pessoal, com o objectivo de melhorar gradualmente o seu desempenho.

Um ponto, que considero ser dos maiores intervenientes em todo o processo aplicável a todas as áreas curriculares em geral, é a relação aluno/professor que deve de todo ser procurada, a fim de explorar todas as potencialidades a ela inerente. O professor não deve ser só um mero transmissor de conhecimentos, o espaço de aula não representa por si só um mero espaço físico, assim como não nos podemos basear numa relação emissor-receptor, ainda que isso possa chocar com uma realidade individualista de alguns profissionais. Muitas questões nos escapam se uma distância for de todo mantida, algumas delas revelam-se em acções que podem não ser as mais agradáveis e produtivas. Acredito plenamente que os conteúdos mais importantes são aqueles retidos através de aprendizagens marcantes, o aluno deve sentir-se inserido como parte de um processo e não julgar o processo educativo como uma obrigação. Digo isto porque existe uma ideia de o aluno deve adaptar-se ao que o processo educativo oferece, conteúdos rígidos, metas estipuladas através de estratégias vivamente definidas. Penso desta forma pois considero que o problema se situa neste facto, cada a aluno é como qual, existem certas tipologias aplicáveis é certo, mas a dinâmica de uma turma é algo que não se aplica num geral, assim como a aplicação de conteúdos e construção de aprendizagens não se aplica de igual forma. Neste sentido a relação aluno/professor permite um conhecimento dessa dinâmica, “*o conhecimento pedagógico de gestão de sala de aula constitui uma parte essencial da pratica de ensino*” (Melo, 2011). Esta afirmação incide sobre um ponto que considero fundamental, um professor deve ser detentor de estratégias adequadas à dinâmica de sala de aula, potenciando diversos caminhos ou pontos de vista de modo a atingir os objectivos, construindo com sucesso aprendizagens significativas, além destas o munirem de uma resposta flexível à imprevisibilidade de situações possíveis.

Um dos métodos que considero, numa perspectiva educativa, ser bastante produtivo e significativo é uma aprendizagem através da interdisciplinaridade, a articulação entre disciplinas e o trabalho cooperativo entre docentes. Este método age como estratégia potenciadora de aprendizagens mais variadas e abrangentes. Pessoalmente considero que a associação a determinados conteúdos constrói um ponto de partida inicial em certas abordagens. Matérias já abordadas ou por abordar enriquecem o próprio conteúdo, quer pela continuação ou apropriação, quer como introdução.

A um nível individual saliento também uma questão importante, o professor, perante a sua formação artística, não deve de modo algum abandonar o seu trabalho artístico podendo a mesma ser vista até como a reciclagem necessária por vezes a conteúdos presentes, o abandono de uma realização pessoal pode igualmente prejudicar a sua prática

de ensino. Não pela qualidade pedagógica, mas pelas próprias qualidades em si, já que do abandono da investigação e desenvolvimento pessoal advêm uma possível desactualização de matérias ou desconhecimento na sua ou em outras áreas. O processo de experimentação faz parte da compreensão, na medida em que na qualidade de professor e artista, para compreender, têm que experimentar, criar, fazer, em ambos os âmbitos teórico e prático, em termos pedagógicos torna-se complicado sugerir ou abordar algo que nós próprios desconhecemos. Além de que os alunos podem construir uma consciência positiva ou negativa sobre as capacidades do próprio professor.

Abordando uma questão do campo das artes visuais, uma obra artística deve expressar uma intenção, que pode ser imediatamente compreendida ou não, um desenvolvimento pessoal pode até auxiliar um conhecimento próprio mais aprofundado. O próprio desenvolvimento artístico permite também uma vantagem auto-avaliativa, já que o trabalho artístico do docente, pode revelar um reflexo do que transmite. Revelo então a importância do desenvolvimento artístico assim como os pontos anteriormente referidos enquanto elementos de intervenção directa na prática pedagógica e perspectiva educativa.

4.2. Preparação das aulas de Desenho A

A preparação das aulas de Desenho A ocorreu durante o primeiro período do ano lectivo em cooperação com a minha colega de PES e professor cooperante.

A carga horária semanal da disciplina de Desenho A era de cerca de 4 horas e 30 minutos.

Na fase de observação a liberdade que me foi dada pela professora cooperante foi bastante alargada o que me possibilitou, de um modo gradual, acompanhar a turma permitindo conhecer a dinâmica de sala de aula, comportamentos e atitudes dos diversos alunos, assim como assimilar algumas metodologias e estratégias usadas pela professora cooperante. Toda esta preparação foi feita através de aulas planificadas e leccionadas na fase de observação em cooperação com a minha colega de PES, nas quais desenvolvemos diversos elementos do corpo do programa, através de abordagens teórico-práticas a conteúdos trabalhados actualmente no campo artístico. Estes relevaram-se do maior interesse da turma, pelo que foi possível averiguar num período inicial uma ausência de conhecimento sobre conteúdos actualmente desenvolvidos no campo das artes visuais. As

temáticas abordadas no decorrer dessas aulas potenciaram uma aprendizagem e aquisição de conhecimentos motivada. Além das aulas leccionadas, a avaliação dos respectivos resultados acompanhada pela supervisão da professora cooperante também foi parte integradora do processo.

A primeira fase de preparação consistiu em definir os temas a desenvolver nas respectivas aulas supervisionadas. Durante este processo tomou-se em atenção o nível de capacidades que a turma apresentava, condicionante directa na necessidade imposta de preparar a turma para o exame nacional de Desenho A. De modo a corresponder à tarefa que tinha em mãos, comecei por interpretar o programa da disciplina que, através de uma selecção, defini os objectivos em que de um modo global os alunos apresentavam maior deficiência e com esta informação projectei as planificações das aulas supervisionadas.

Na primeira aula supervisionada decidi desenvolver uma adaptação de um módulo denominado de “Sapatos” presente no programa nacional de Desenho A de 12º ano. Este módulo prevê a representação gráfica de um par de sapatos velhos e encontra-se dividida por três fases: linha, claro-escuro e cor.

A fim de desenvolver os objectivos presentes nas metodologias propostas pelo programa, planifiquei a aula de desenho de modelo com o tema “Sapato”. Este foi escolhido por se basear na representação de um objecto familiar e comum. A escolha deste conteúdo programático na presente aula apresenta a característica de não abordar directamente o tema ilustração, a selecção do tema da primeira aula supervisionada incide sobre a necessidade de preparação da turma para o exame nacional de Desenho A, pelo achei pertinente na primeira aula supervisionada dedicar o tempo disponível ao desenvolvimento de competências específicas presentes no programa, mais concretamente a capacidade de observação de análise, assim como capacidades psicomotoras de aptidão adaptativa.

Os conteúdos presentes na planificação “Sapato” definem o sapato do próprio aluno como elemento a representar, esta alteração foi imposta de modo a evitar que, pela disposição em sala de aula, existissem diferentes vistas do modelo.

O módulo do programa prevê que se represente as propriedades texturais, métricas e detalhes acidentados. Na planificação procedi a uma ligeira alteração desses conteúdos, tomando como principal a propriedade estruturante e definição métrica, atribuindo um teor secundário à definição de texturas. As diversas fases da aula foram construídas de acordo com as características da turma, divididas em três fases sendo a primeira uma pequena abordagem teórica e as restantes práticas. A gestão temporal das diversas fases

foi elaborada de modo a não condicionar as possibilidades nem objectivos presentes nas diversas fases práticas.

A segunda aula supervisionada foi planificada e leccionada segundo o tema “Ilustração, construção de personagem”, conteúdo não previsto no programa nacional de Desenho A. Esta foi construída segundo uma orientação dividida em três fases, uma de teor teórico e duas práticas.

Na primeira fase de construção da aula, procedi a uma pesquisa sobre alguns artistas relevantes na área e conteúdos necessários à prática inicial de ilustração, mantendo como ponto de partida as diversas fases construtivas de um personagem. Defini a ordem de conteúdos a apresentar, procedimentos e metodologias a adoptar no decorrer da aula assim como uma linha temporal a seguir. Para a fase teórica da aula realizei uma apresentação com recurso ao suporte Powerpoint (consultar apêndice digital 4), segundo uma pequena abordagem ao tema Ilustração, esta foi construída de modo a desencadear o debate entre professor/alunos. Como conteúdo enriquecedor do tema, abordei “Max Kostenko”, um artista contemporâneo e respectivas obras. Esta escolha deveu-se ao teor das obras do artista as quais estabeleci como ponto de orientação secundária no que refere ao tema desenvolvido nas fases práticas. Como preparação principal para a fase prática da aula, posteriormente à apresentação Powerpoint é feita uma abordagem passo a passo da construção e ilustração do personagem “Panda do Kung Fu”, personagem e animação bastante popular.

Para as fases de teor prático da aula construí dois exercícios de representação gráfica com recurso a elementos de animações bastante populares entre esta faixa etária, de modo a potenciar e despertar algum interesse e motivação nos alunos. Sendo que no primeiro exercício é pedido que, a partir das estruturas apresentadas do esqueleto de um canídeo, se construa o seu corpo (tecido, musculo, pelo, etc...) e no segundo exercício é pedido exactamente o oposto, que, a partir da imagem de um canídeo ,se construa o seu esqueleto. No final do primeiro exercício, o mesmo será retirado pelo que será então distribuído o segundo, este aspecto é essencial de modo a evitar uma contaminação visual dos elementos presentes anteriormente, deixando os alunos apenas com a memória visual do que viram e o que já detêm. Esta estratégia é propositada pela imposição de limites no desenvolvimento da segunda fase que não existem no primeira fase prática, pelo que os alunos são obrigados a recorrer à memória visual ou a desenvolver uma resposta criativa ao exercício. As respostas criativas tornam-se então objectivo principal.

Ambas as fases práticas foram preparadas à partida com igual limite temporal, ainda que o segundo limite esteja condicionado pela conclusão do primeiro exercício.

No final do exercício a aula é dada por encerrada.

4.3. Preparação das aulas de Educação Visual

A preparação das aulas de Educação Visual ocorreu durante o terceiro período do ano lectivo em cooperação com o professor cooperante. A carga horária semanal da disciplina de Educação Visual era de cerca de noventa minutos.

Na fase de observação a professora cooperante, à semelhança da experiência que obtive em Vendas Novas deu-me total liberdade, pelo que no início procedi a um acompanhamento da turma de modo a conhecer a dinâmica da mesma e adquirir conhecimentos sobre as capacidades dos diversos alunos, no que competia a competências técnicas, comportamentos e atitudes. Esta fase permitiu-me uma maior compreensão sobre que conteúdos e a que níveis dos mesmos poderia desenvolver com a turma, assim como metodologias e estratégias a aplicar, algumas destas já em uso pela professora cooperante.

As fases de preparação e planificação das aulas foram construídas de modo a corresponder a três fases, as aulas de observação nas quais os conteúdos a abordar foram preparados por mim sobre a supervisão da professora cooperante tendo a primeira uma duração estipulada de quatro aulas de noventa minutos e as seguintes fases correspondem às duas aulas supervisionadas pelo professor supervisor de noventa minutos cada.

Nas aulas de observação foi desenvolvido o projeto “Livro de Ilustrações do 7^a D”, este incide sobre a minha participação e da turma na escola. Nesta fase escolhi a ilustração narrativa como elemento a desenvolver.

A temática foi seleccionada segundo uma expectativa de aprendizagem motivada, abordando matérias já detidas pelos alunos que potenciariam uma maior aquisição de conhecimentos e competências técnicas na área da Ilustração. Após uma pesquisa sobre os poemas (consultar apêndice digital 7) já abordados na disciplina de Português no presente ano lectivo e no ano lectivo anterior, selecionei cinco poemas de quatro quadras cada. Esta selecção permitiu-me fazer uma divisão por grupos, constituídos por dois alunos e apenas um composto por três alunos, aos quais foi atribuído, por grupo, a

ilustração de duas quadras de um dos poemas. O número de quadras atribuídas foi calculado de modo a possibilitar que, dentro do mesmo poema, se obtivesse resultados dispares.

A selecção dos grupos foi feita segundo as orientações da professora, pelo que pude apurar posteriormente que os níveis de capacidades de cada aluno se encontravam de acordo com os do parceiro de grupo.

Na introdução ao exercício procedi à explicação sobre o objectivo do presente projecto, adiantando que as ilustrações seriam usadas na construção de um livro posteriormente desenvolvido por mim e entregue à biblioteca da escola. Aos alunos foi explicado que, perante o exercício que iriam desenvolver, dispunham de liberdade total na execução do projecto, isto porque, pessoalmente, achei importante desenvolver algo com os alunos que os representasse enquanto autores, fazendo-os, não só sentirem-se agradados com o tema abordado, mas também incentivá-los e compensá-los pelo trabalho desenvolvido.

Na primeira aula supervisionada foi planificada e leccionada segundo uma abordagem teórico-prática. As matérias presentes não constam no programa nacional de Educação Visual ainda que abordem, numa lógica adaptativa, conteúdos presentes no mesmo.

Numa primeira fase de construção da aula procedi à pesquisa sobre artistas contemporâneos que, actualmente, desenvolvem principalmente ilustração de literatura infanto-juvenil e publicitária. Dos artistas presentes na pesquisa selecionei cinco, dois internacionais e três nacionais, assim como diversas obras de cada um dos ilustradores de modo a dar a conhecer à turma o que actualmente é desenvolvido no campo da ilustração a nível nacional e internacional, assim como enriquecer a cultura visual. Para a fase teórica da aula construí uma apresentação (consultar apêndice digital 5), com recurso ao suporte PowerPoint, no qual a ordem de conteúdos a apresentar foi estipulada por uma contextualização inicial sobre ilustração narrativa, definição e características, seguida de autores e obras, tendo estes como linha de orientação para a criação de debate e discussão sobre as diferentes técnicas utilizadas por cada um dos artistas e temáticas das respectivas obras. No final da apresentação é dada uma introdução ao exercício prático a desenvolver em aula.

A fase prática da primeira aula supervisionada incide sobre o exercício de expressão gráfica “Inicial Ilustrada” construído por mim. Este visa obter um resultado individual e pessoal de cada aluno. Para esta fase construí a inicial dos nomes de todos os elementos da turma. Estas foram elaboradas e distribuídas com o intuito de estabelecer limites que

condicionassem directamente os alunos na execução do exercício, deixando-os com liberdade para ilustrarem apenas o interior de cada letra. Esta condicionante foi imposta de modo a alcançar os resultados pretendidos nos limites temporais da aula.

Foi também explicado, durante a introdução, que os resultados do exercício “Inicial Ilustrada” seriam posteriormente inseridos igualmente no livro de poemas ilustrados, como afirmação pessoal de cada um dos alunos.

A segunda aula supervisionada foi planificada e leccionada segundo uma abordagem também teórico-prática na qual é abordada o conteúdo “Banda Desenhada e Cartoon”. Numa primeira fase desenvolvi uma apresentação (consultar apêndice digital 6), com recurso ao suporte PowerPoint, sobre as características da banda desenhada e variantes. A ordem de conteúdos estabelecida inside inicialmente sobre uma primeira introdução às características principais do tema, como a definição geral de banda desenhada, métodos, técnicas e suportes utilizados assim como os principais géneros de banda desenhada, tais como a franco-belga. No final da fase teórica procedi à introdução da fase prática, na qual os alunos desenvolveram o cartoon.

A fase prática da aula incide directamente sobre a cultura visual e resposta criativa dos alunos, através de um exercício desenvolvido por mim, para o qual seleccionei diversos rostos (consultar apêndice digital 8, 9, 10 e 11) como materiais de apoio e registo gráfico com dimensões de 10 x 15 cm, distribuídos aleatoriamente aos alunos. O rosto atribuído individualmente será a face da personagem do seu cartoon. Com base no material disponível e atendendo a uma liberdade gráfica total pede-se aos alunos que desenvolvam o corpo da personagem, assim como um balão de fala no qual explicitarão a sua experiência e opinião pessoal sobre a ilustração em geral. Este aspecto foi inserido de modo a recolher um feedback disfarçado dos alunos, pelo que evitei qualquer outro formato ou método como, por exemplo, um questionário relativo ao trabalho desenvolvido e à importância atribuída pelos alunos à ilustração.

Contrariamente à primeira aula supervisionada, os resultados obtidos na segunda aula supervisionada não serão inseridos no projeto “Livro de Ilustrações do 7ºD”.

4.4. Condução de aulas de Desenho A

4.4.1. 1ª Aula supervisionada

A primeira aula supervisionada ocorreu no dia 23 de Novembro de 2012 na Escola Secundária de Vendas Novas. Esta foi uma aula de teor prático tendo sido planificada, preparada e leccionada por mim.

A aula foi preparada de modo a responder à urgente necessidade de aperfeiçoamento das capacidades de desenho à vista dos alunos. Escolheu-se o sapato, como modelo, pela sua dinâmica e diferentes possibilidades de observação que maximizam pontos de vista e enquadramentos possíveis. Esta escolha deve-se a conteúdos previstos no programa da disciplina na sugestão de metodologia específica “Sapatos”, da qual foram escolhidas as mesmas fases, alterando apenas algumas questões como o objecto a utilizar como modelo, materiais de registo gráfico e tempo disponível para a conclusão do exercício.

No início da aula foi solicitado aos alunos que retirassem o sapato do pé direito e colocassem o mesmo em cima da mesa numa posição angular. Esta iniciativa suscitou algum interesse por parte dos alunos e atitudes positivas relativas ao tema, por nunca terem visto o seu sapato como modelo. Após a preparação do espaço de trabalho e suportes gráficos, procedi a uma pequena introdução de noções básicas com recurso ao quadro branco sobre a estrutura geral do sapato. Esta explicação proporcionou trocas de opiniões mas também algumas questões. Tal aconteceu porque os sapatos não teriam todos a mesma estrutura, nesses casos foi necessário proceder a uma abordagem individual de modo a solucionar as dificuldades apresentadas por determinados alunos.

A turma apresentava dificuldades de gestão temporal na concretização dos exercícios o que me obrigou a determinar tempos para cada execução. Esta metodologia de imposição de prazos relevou-se bastante positiva, pela concentração e empenho revelado pelos alunos na realização dos exercícios práticos.

Na primeira fase da aula os alunos procederam ao desenvolvimento de desenhos rápidos, sem recurso à mancha de modo a treinar a construção e estruturação do modelo. O acompanhamento foi feito a nível individual apresentando maior incidência nos casos de maior importância.

De um modo geral, os primeiros exercícios foram os mais desafiantes para os alunos, a nível da estruturação e enquadramento. Nestes casos, recorri à técnica do apontamento

ou esboço de modo a construir hábitos de percepção e compreensão da forma e estrutura do modelo, o que se revelou uma ferramenta de auxílio bastante útil na maioria dos casos, onde os alunos conseguiram perceber por si mesmos a estrutura do seu modelo.

Posto fim ao primeiro bloco de aula (45 minutos), decidi aliviar a carga “laboral” dos alunos dando-lhes uma maior margem temporal de concretização das fases no segundo tempo de aula.

Na segunda parte da aula foi pedido aos alunos que recorressem a um material com que se sentissem à vontade que não os grafites. Isto despertou alguma satisfação na turma levando alguns alunos a serem mais ousados na escolha dos materiais de registo gráfico. É importante referir que foi possível observar um maior empenho e um certo gosto por parte dos alunos nesta fase e que nesta acção surgiram também alguns resultados curiosos que acabaram por me revelar a que nível de domínio de outros materiais se encontrava a turma.

No final da aula pedi que arrumassem o espaço de trabalho.

Achei que fosse importante pedir algumas opiniões dos alunos em relação ao que se tinha desenvolvido em aula, o que levou ao início de um pequeno debate de participação geral no qual obtive um feedback positivo por parte da turma, principalmente sobre o uso dos materiais que reflectiu um certo conforto geral.

Na minha opinião o balanço da aula revelou-se bastante positivo, pelo desempenho prestado pelos alunos, facto que se deveu à participação e interesse despertado nos mesmos, possivelmente devido a uma dinâmica diferente de aula, assim como a metodologia de determinação de tempos para cada um dos exercícios, algo revelado nas opiniões pessoais dos alunos.

O auxílio individual prestado aos alunos com maior dificuldade obteve visíveis resultados evolutivos. Com esta aula pôde-se observar também um ponto negativo, que inspirou alguma preocupação: a rápida resposta dos alunos, situação esta que me levou a adaptar as diferentes fases da aula face ao tempo de aula disponível.

4.4.2. 2ª Aula supervisionada

A segunda aula supervisionada ocorreu no dia 30 de Novembro de 2012 na Escola Secundária de Vendas Novas. Esta foi uma aula de teor teórico-prático tendo sido planificada, preparada e leccionada por mim.

A aula foi constituída em três fases: teórica, primeiro exercício prático e segundo exercício prático. O tema desenvolvido na aula foi “Ilustração construção de personagem”.

A aula teve início com um pequeno debate de abertura à apresentação sobre o que é ilustração. A turma foi bastante participativa e várias questões e respostas surgiram, nomeadamente sobre as várias áreas da ilustração: banda desenhada, ilustração de livros, publicidade, cartoon e crítica. Este pequeno debate possibilitou-me a captar a atenção da turma no início da apresentação, na qual dei uma pequena introdução à definição e diferentes contextos em que a ilustração se engloba.

Após esta primeira abordagem, apresentei o artista “*Max Kostenko*” por ser um marco revelador do universo ilustrativo actual, assim como alguns exemplos da sua obra que, pela sua complexidade/simplicidade, abordam diversos aspectos relevantes para o tema. Estes suscitaram alguma admiração e interesse por parte de certos alunos, por conhecerem já alguma obra do artista. Toda esta abordagem ao artista desencadeou um diálogo sobre as técnicas usadas, aspectos observados por diversos alunos, o que levantou algumas questões relativas às ilustrações e tema retratado nas mesmas, assim como argumentos que posteriormente foram utilizados por mim como auxiliares no processo prático da aula.

Aproveitando todo o interesse revelado pela turma no tema, expliquei que iríamos desenvolver em sala de aula, um exercício prático sobre a temática.

Com isto passei à segunda parte da apresentação, o processo de construção ou esboço inicial da personagem auxiliada por uma demonstração de ilustrações digitais através das quais é explicado todo o processo, desde os esboços anatómicos até o produto final, assim como as diferentes técnicas utilizadas em cada um dos exemplos referidos, com o objectivo de transmissão de conhecimento teórico sobre esta temática.

Posto fim à fase teórica da aula, dei início à primeira parte prática com a distribuição de folhas individuais do enunciado do exercício N°1. Neste estavam representadas várias figuras (esqueleto canídeo) e pedia-se no mesmo que se construísse a figura através da sua estrutura recorrendo a uma das figuras disponíveis.

A entrega do exercício despertou entusiasmo sobre a temática tratada e personagem utilizada, para além de consistir num exercício lúdico, tratou-se de uma criação de uma personagem dos filmes do realizador e animador *Tim Burton*, nomeadamente “Noiva Cadáver” (“*The Corpse Bride*”, 2005) e “*Frankenweenie*”, 2012, produções extremamente populares entre esta faixa etária.

Após esclarecimentos de dúvidas existentes dei início ao exercício. As necessidades de acompanhamento foram surgindo à medida que o exercício ia sendo concretizado pelo que me foi necessário proceder ao auxílio individual de determinados casos. O empenho de alguns alunos oscilou no decorrer desta primeira prática, a meu ver, devido à dificuldade apresentada em responder de forma criativa ao que era pedido no exercício.

Terminado o prazo temporal disponível recolhi o enunciado do primeiro exercício de modo a evitar contaminação visual. A extracção destes elementos gráficos foi propositada, na medida em que retirou aos alunos elementos concretos deixando-os apenas com imagens construídas mentalmente, o que criou uma “mini” cultura visual sobre o objecto em questão.

O segundo exercício foi distribuído de forma semelhante ao primeiro, apesar do tempo disponível para a sua conclusão ser significativamente mais reduzido. Também neste fase foi notória a dificuldade de alguns dos alunos. Dado este segundo ponto por concluído e a recolha de resultados concluída, dei a aula por terminada

Na minha opinião, a aula apresentou uma dinâmica de alguns altos e baixos, principalmente nas suas diferentes fases. O interesse e participação dos alunos foram notórios durante a apresentação o que, de certo modo, me entusiasmou porque alguns dos alunos (3) detinham alguma informação relativa ao tema e ao artista apresentado. Numa primeira impressão foi possível apurar que, apesar do tempo reduzido, os alunos apresentaram melhores resultados no segundo exercício prático comparativamente ao

primeiro, possivelmente pela construção de uma mini-cultura visual através das imagens presentes no primeiro exercício assim como na abordagem teórica feita no início da aula.

Numa reflexão pessoal, aponto como aspecto negativo a dificuldade que apresentei em conseguir com que os alunos retomassem ao ritmo de trabalho e empenho existentes antes de uma interrupção da aula por uma funcionária com um comunicado à turma. Este momento, que durou cerca de 15 minutos, quebrou a linha de concentração estabelecida até então. Apesar de ser um aspecto menos positivo, instruiu-me que situações como esta são passíveis de existir, assim como me deu uma noção de como agir nestes casos.

4.5. Condução das aulas de Educação Visual

4.5.1. 3ª Aula supervisionada

A terceira aula supervisionada ocorreu no dia 02 de Abril de 2013 na Escola Básica de André de Resende. Foi uma aula de teor teórico-prático tendo sido planificada, preparada e leccionada por mim.

Esta aula foi desenvolvida com o intuito de dar a conhecer o actual universo ilustrativo, quer nacional ou internacional. Para tal selecionei cinco ilustradores no activo, três dos quais desenvolvem olustração infanto-juvenil e os restantes publicitária. A fase prática da aula consistiu num exercício igualmente desenvolvido por mim, onde os alunos teriam que ilustrar a inicial do seu nome próprio. Os resultados obtidos serão posteriormente inseridos no projecto “Livro de Ilustrações do 7ºD”.

A aula teve início por volta das 8:15 horas da manhã. Já me encontrava no interior da sala de aula com a apresentação (Powerpoint) preparada. Após a entrada da maioria dos alunos dei início à fase teórica da aula, na qual distribui alguns livros dos autores que abordei. Durante a apresentação expositiva consegui captar a atenção e interesse da turma, já que os conteúdos abordados se revelaram de todo o interesse dos alunos. Na abordagem a obras expostas salientei as técnicas e materiais usados evidenciando as semelhanças face aos trabalhos desenvolvidos em aulas anteriores.

No decorrer da apresentação notei, através do debate mantido durante a mesma, que alguns alunos já detinham alguns conhecimentos face a artistas da área, mas sempre associado a área infanto-juvenil. Nesta fase surgiram algumas questões relativas ao desenvolvimento de algumas das obras, maioritariamente no que consta a materiais usados.

Após a exposição sobre artistas nacionais, abordei dois artistas internacionais, um deles bastante conhecido no universo da ilustração publicitária. O interesse revelado pelos alunos neste tópico foi bastante, já que consegui fazê-los ver que a área da ilustração detem diversas variantes. Isto permitiu-me fazer uma pequena abordagem não prevista às diferentes possibilidades do tema.

Um dos processos importantes que abordei foi o desenvolvimento passo a passo de uma ilustração, passando por todas as fases: esboço, estrutura, aperfeiçoamento e coloração. Este processo permitiu-me apelar às fases de trabalho presentes no projecto desenvolvido com a turma anteriormente e as semelhanças foram um passo importante na compreensão e aprendizagem dos alunos.

No final da apresentação dei uma introdução ao exercício prático, onde desenvolvi exemplos de todas as fases e resultados pretendidos. A compreensão do processo por parte dos alunos foi essencial na medida em que maximizei o tempo disponível de aula para a sua concretização.

No final da fase teórica distribui individualmente os materiais de registo gráfico compostos da inicial de cada um dos alunos, dando, assim, início à fase prática da aula onde a estratégia principal foi o acompanhamento individual, salvo dúvidas pertinentes de alguns alunos que expus para a turma.

No decorrer do exercício prático as dúvidas foram escassas, pelo que o empenho foi de uma maneira geral notório. As dúvidas presentes resumiram-se à escolha de materiais ou temas a desenvolver dentro dos limites estabelecidos. Alguns dos casos foram revelando capacidades de certos alunos até então desconhecidas por mim, digo isto porque, alguns dos alunos surpreenderam-me pela positiva desenvolvendo uma resposta criativa com várias possibilidades às quais tentei auxiliar de modo a explorar da melhor forma. Em alguns casos de dificuldade presente, apelei a conhecimentos detidos pelos alunos, fazendo-os lembrar padrões ou situações casuais que produzissem uma resposta criativa por parte dos mesmos.

No final recolhi os resultados, os alunos arrumaram o seu espaço de trabalho e posteriormente iniciei um pequeno debate sobre a aula, no qual recebi um feedback positivo, principalmente pelo envolvimento individual e carácter pessoal de cada um no seu trabalho. No final deste debate, coloquei em uso uma estratégia da professora cooperante, dando ordem de saída por filas, ao fim da qual dei a aula por encerrada.

Pessoalmente faço um balanço positivo da aula, apesar dos aspectos negativos que aponto como o meu nervosismo ou o facto de me encontrar um pouco tenso, o que condicionou um pouco a minha exposição teórica.

O desempenho e participação dos alunos prestado em aula foi visível, sendo que os conteúdos abordados revelaram-se do maior interesse dos mesmos, assim como a preparação teórica construída por mim que reduziu as possíveis dúvidas face à fase prática da aula.

Um dos pontos positivos mais relevantes foi o facto de abordar conteúdos exteriores ao previsto, potenciados pela participação de alguns dos alunos o que de um modo geral contribuiu para o conhecimento e aprendizagem dos alunos.

4.5.2. 4ª Aula supervisionada

A quarta aula supervisionada teve lugar no dia 30 de Abril de 2012 na Escola Básica de André de Resente, tendo sido esta preparada, planificada e leccionada segundo uma abordagem teórica seguida de um exercício prático igualmente preparado por mim.

Esta aula teve como abordagem principal a temática Banda Desenhada, da qual abordei as múltiplas variantes que compõem a área. A fase prática de aula consistiu num exercício prático desenvolvido de modo a abordar todo o processo de construção de uma personagem.

Foi dado início à aula através de uma apresentação, com recurso ao suporte PowerPoint. No princípio desta optei por fazer um apanhado dos conhecimentos que os alunos detinham relativamente ao tema. As respostas foram bastante variadas incidindo principalmente em editoras ou personagens actuais do mundo da banda desenhada, como

o Tio Patinhas, o Asterix e Obelix ou o Super-Homem. O recente filme de animação de Tintin também foi alvo de atenção, não pelo filme, mas pela banda desenhada em que foi inspirado.

Após este pequeno apanhado, dei como introdução uma definição base da Banda Desenhada, principais tipos e métodos. Na tipologia abordei elementos como as tiras cómicas, o fotojornalismo ou o webcomic. Abordei também, como tema principal do exercício prático, o Cartoon, o qual salientei um pouco mais de modo a construir conhecimento face à área como preparação para a fase posterior. Na tipologia foi necessário apelar à cultura visual dos alunos, desde jornais a desenhos animados, jogos de vídeo, entre outros.

No decorrer da fase teórica dei uma introdução aos elementos que compõem uma página de banda desenhada: a estrutura, os quadradinhos, as personagens e os balões de fala. Neste momento surgiu uma dúvida por parte de uma aluna relativa à estrutura e aos quadradinhos, sendo que a primeira resposta não conseguiu responder à questão o que me levou a procurar, por caminhos alternativos de explicação, conseguindo esclarecer com sucesso a dúvida exposta.

A fase de construção de uma personagem foi o ponto principal da apresentação, já que abordava o exercício prático.

A exposição das diferentes fase do processo, maioritariamente a construção de uma estrutura foi alvo de interesse dos alunos, sendo posteriormente usada no desenvolvimento da sua personagem.

A fase prática da aula começou com a distribuição de elementos de registo gráfico composto por um rosto humano, que seria a face da personagem. Após esta distribuição dos rostos, dei início à explicação, ainda em formato PowerPoint, com exemplos construídos por mim, o que reduziu significativamente as dúvidas previsíveis.

Posto fim à fase teórica de aula, avancei para o exercício prático, no qual executei um acompanhamento aluno a aluno esclarecendo dúvidas existentes, maioritariamente aos alunos que já apresentavam uma ideia do que queriam desenvolver. Estes necessitavam apenas de acompanhamento na estrutura da sua personagem, que, usando uma folha de rascunho, procedi ao auxílio dos casos em maiores dificuldades.

Já numa fase mais avançada do processo pude apurar a existência de alguns resultados bastante curiosos e até bastante elaborados e criativos para as expectativas.

Durante uma fase média do processo deparei-me com duas alunas que se encontraram em dificuldades, factor que as desmotivou na conclusão do exercício, ao qual alegavam “não terem nenhuma ideia” para o mesmo. Neste caso, o acompanhamento individual teve de ser um pouco mais aplicado, apelando à cultura visual e conhecimentos das mesmas consegui que construíssem, através de elementos conhecidos, uma resposta criativa ao problema.

Já com o tempo de aula esgotado alguns dos alunos mantiveram-se a concluir o exercício ou a expor dúvidas relativas ao tema o que me deixou satisfeito, já que por esta atitude entende-se o grande interesse, motivação e empenho revelado pela turma durante toda a duração da aula, ainda que tenha sido obrigado pelo limite temporal a finalizar a aula. Apesar dos exercícios não se encontrarem na sua maioria concluídos, todo o processo transmite uma intenção empenhada.

Desta aula faço um balanço bastante positivo, pelo interesse, participação e empenho prestado pela turma em geral, assim como relação professor/aluno estabelecida, o que traduziu um completo conforto de ambas as partes. Aspecto este também salientado pelo professor supervisor. A permanência dos alunos já fora do tempo de aula, assim como os comentários obtidos, revelaram uma importância dos conteúdos abordados face a uma aprendizagem motivada.

4.6. Impacto sobre os alunos e avaliação de aprendizagens

4.6.1. Avaliação 12º ano, turma D

Segundo o diálogo estabelecido em sala de aula no final do período, que comprometeu a minha presença na Escola Secundária de Vendas, assim como resultados apurados visualmente no decorrer das aulas, classifico como bastante produtivo todo o trabalho desenvolvido nas diferentes unidades didáticas.

O trabalho desenvolvido em cooperação com a minha colega de PES revelou-se também uma mais valia no desenvolvimento de aprendizagens e partilha de conhecimento. Os conteúdos abordados no decorrer da PES foram classificados, pela maioria dos alunos, como “importantes e interessantes”, na medida em que se abordou através de uma dinâmica diferente, principalmente através de exposição audiovisual por este ser o método mais utilizado pela adesão e interesse da turma, o que me permitiu enriquecer através da inserção de artistas, obras e conceitos necessários ao conhecimento dos alunos. A grande maioria dos conteúdos abordados revelaram uma resposta bastante positiva já que, em geral, eram desconhecidos pela turma. Estes e o acompanhamento prestado individualmente traduziram-se numa melhoria, não só em termos técnicos e gráficos, pela evolução observada nos resultados obtidos, mas também a nível de conhecimento e enquadramento artístico.

A motivação obtida em geral além dos conteúdos dados, deveu-se também à própria observação da evolução gráfica. A grande maioria dos alunos procurava melhorar a sua prática artística, inclusive foi notável a necessidade pessoal de fazerem corresponder os resultados às expectativas por nós (eu e Marta Alberto) impostas.

No que consta à abordagem ilustrativa, a maioria dos alunos valorizou a importância de uma observação cuidada das imagens, não só pelo seu conteúdo, mas pela mensagem que a mesma pode transmitir. O desconhecimento sobre a aplicação da ilustração nas diversas áreas profissionais também suscitou resposta positiva da maioria.

Em termos de avaliação qualitativa de resultados foi-me permitido fazer a avaliação individual de cada um dos alunos das aulas que me competeram (supervisionadas). Para tal, construí uma grelha com os diversos parâmetros de avaliação, os quais apresentei posteriormente à professora encarregue da disciplina, que deu um parecer positivo às sugestões de nota.

Os resultados obtidos nas unidades didáticas dadas em conjunto com a minha colega de PES foram avaliados qualitativamente em cooperação com a mesma.

4.6.2. Avaliação 7º ano, turma D

No decorrer das aulas que comprometeram o meu período presencial na Escola Básica de André de Resende, foi-me possível construir, através de observação directa, uma pequena noção de empenho e interesse dos alunos nas temáticas abordadas, assim como da Ilustração enquanto disciplina artística.

A nível de conhecimentos a grande maioria dos alunos reteve os conceitos-chave das diversas variantes abordadas, excepto dois casos de alunos que já detinham alguns conhecimentos face aos conteúdos abordados, nomeadamente no que constava à Banda Desenhada.

A apresentação de diversos artistas da área do universo ilustrativo revelou-se bastante produtivo e positivo, pelo interesse revelado pela turma durante a exposição dos mesmos, assim como no decorrer de unidades didáticas posteriores em que eram usadas obras e conceitos dos artistas como referência, os quais revelaram-se bem interiorizados pelos alunos em geral. A preferência dos alunos centrou-se nos artistas que trabalham actualmente ilustração infanto-juvenil.

Os resultados obtidos no projeto do livro apresentaram-se bastante positivos, não apenas em termos visuais, mas a intenção ilustrativa de transmissão de conteúdos literário pela imagem foi algo bem desenvolvido pelos alunos, o que revelou que a aprendizagem sobre o que é a ilustração foi bem conseguida.

Como alternativa ao questionário na unidade didática “Personagem”, foi pedido aos alunos que no balão de fala do personagem dessem uma opinião pessoal sobre o trabalho desenvolvido ou sobre Ilustração. As respostas na sua maioria dividiram-se entre o interessante, positivo, existindo quatro opiniões menos positivas, onde era dito que, apesar de pessoalmente terem gostado, preferiam ter desenvolvido outros temas ou técnicas como por exemplo a Pintura.

4.6.3 Considerações gerais

Apesar dos diferentes níveis de ensino, as respostas dos alunos apresentaram um balanço bastante positivo, a nível de interesse, empenho e motivação, assim como de resposta gráfica.

Era esperado que a turma de 12º ano apresentasse uma resposta mais positiva face aos conteúdos desenvolvidos, já que os alunos se encontram em Artes. O maior foco de interesse e positivismo revelou-se nas apresentações teóricas com recurso ao PowerPoint, justificado pelo fraco conhecimento teórico que os alunos apresentavam. De um modo auto-avaliativo os alunos compreenderam noções da sua própria melhoria técnica, dos quais tive o cuidado de salientar os casos mais acentuados.

Destaco a fraca resposta que os alunos do 12º ano apresentaram no exercício “Personagem”, a avaliação feita a tais resultados baseou-se nos aspectos técnicos, já que outros não eram passíveis de avaliar, contrariamente ao que sucedeu no 7º ano.

A turma de 7º ano apresentou raras dificuldades de compreensão e aprendizagem dos conteúdos expostos, o que se reflectiu nos resultados práticos obtidos principalmente pela capacidade de transmissão de conteúdo literário através de elementos gráficos simples. A nível de construção de personagem a única dificuldade apontada foi a pouca margem temporal para a conclusão do exercício, visto que do que me foi possível observar, todos os alunos encontravam-se em processo de desenvolvimento criativo. Este facto é também fundamentado pela iniciativa demonstrada pelos alunos em permanecer no interior da sala até à conclusão do exercício, o que, com muita pena minha, não foi possível. Faz também parte da avaliação deste ponto o registo que realizei ao longo da aula, onde consta a intenção e ideias expressadas a nível individual sobre a construção do seu personagem.

5. Análise da prática de ensino

Ao analisar de um modo geral a minha Prática de Ensino Supervisionada, classifico a minha prestação como bastante positiva e evolutiva, quer a nível profissional como pessoal. Toda a minha experiência de ensino anterior à P.E.S resumia-se a workshops ou actividades extra-curriculares, assim como os conhecimentos e conteúdos teóricos adquiridos no decorrer do Mestrado de Ensino, conhecimentos estes que não se aplicavam à actual realidade da profissão de docente.

O desenvolver de tal noção foi bastante produtiva quando aliada à experiência de prática artística, uma mais valia no que competiu a transmitir tais conhecimentos, além da mesma ter sido feita com toda a dedicação, empenho e até mesmo um certo prazer.

O trabalho conjunto desenvolvido com os professores cooperantes Olga Duarte e Maria João Machado também se revelou, no meu entender, deveras positivo para ambas as partes. A influência das metodologias usadas, assim como estratégias em prática pelos professores, potenciou a minha aprendizagem. Digo positivo porque, para ambas as partes, principalmente na minha presença na Escola Secundária de Vendas Novas, na qual individualmente e em cooperação com a minha colega de PES, abordámos conteúdos actuais da área artística, facto este que resultou numa aprendizagem mútua.

Na Escola Secundária de Vendas Novas foi-me concedida a oportunidade de desenvolver a PES na disciplina de Desenho A. A minha primeira impressão apresentou duas faces, uma positiva e outra superável, já que o modo como nos foi descrita a turma baseou-se numa expressão “turma fraca mas trabalhadora”. Confesso que esta primeira abordagem me criou algum receio, mas maioritariamente entusiasmo. O receio revelou-se na necessidade de preparação da turma para o exame nacional de Desenho A, o entusiasmo reflectiu-se na elevada farsquia e no processo que iria ser preparar a turma a partir de um ponto em que não teriam muita hipótese de sucesso até um nível de capacidade e competências que os permitisse concluir positivamente o exame nacional da disciplina.

A preparação, planificação e leccionação de aulas da fase de observação foi feita em conjunto com a minha colega de PES, Marta Alberto. Nesta fase o conhecimento de resultados obtidos anteriormente à nossa presença na escola, dos quais nos foi dada uma clara ideia das fracas capacidades dos alunos, foi um factor importante na escolha de

conteúdos e métodos a aplicar. A solução foi fazer um levantamento das áreas onde a turma apresentava mais dificuldades, construindo daí um ponto de partida inicial.

O entusiasmo revelado pela turma com a nossa intervenção foi bastante importante. O acompanhamento, abordagem de diversos temas actuais assim como os exercícios desenvolvidos foram bem aceites pela turma, que retribuíram através da obtenção bons resultados. A este ponto tanto eu como a minha colega de PES sentimos, não só a necessidade de corresponder às expectativas, mas também o quão gratificante a docência pode ser.

As aulas supervisionadas foram as que me permitiram ter uma maior noção de competências. Conclusão que tirei após primeira aula supervisionada, na qual considerei que deveria abdicar do tema do relatório e conceder o tempo às dificuldades apresentadas pela turma. A segunda aula supervisionada centrou-se no tema Ilustração, durante a qual a abordagem expositiva foi bastante importante para mim, até porque, pelo que pude apurar, o tema era do especial interesse de alguns dos alunos.

Apesar das dificuldades apresentadas no decorrer da segunda aula supervisionada retiro um balanço positivo, principalmente no que consta a gestão de sala de aula.

Na Escola Básica André de Resende a professora cooperante detinha um conhecimento aprofundado da minha área artística de especialidade. O auxílio prestado traduziu-se, não só numa transmissão de competências a nível educativo, mas também artístico e, maioritariamente, teórico principalmente em sessões informais. Contrariamente à preparação que tive na PES do ensino secundário, no qual a qualidade de conteúdos e metodologias apresentava uma maior maturidade justificada pelo nível de ensino.

O meu desempenho em PES no ensino básico apresentou-me uma problemática inicial, como vou desenvolver o tema Ilustração adequado às capacidades dos alunos de um 7º ano. Nesta fase o auxílio prestado pela professora cooperante foi fundamental, já que informalmente pedi a opinião sobre diversas abordagens, das quais foi possível concretizar algumas e as mesmas adequavam-se às necessidades e capacidades da turma.

Baseado na experiência adquirida em PES no secundário, pessoalmente considero muito mais aliciante a docência no ensino básico. Possivelmente pela faixa etária que compromete, penso que consegui construir uma relação professor/alunos mais consistente. A aceitação e entusiasmo face aos conteúdos desenvolvidos revelou-se

superior, assim como os desafios, isto porque cativar produtivamente um aluno de 7ºano de escolaridade revela uma disparidade face a um aluno do secundário.

No que compete a problemáticas presentes, a de maior relevância foi a escassa cultura visual dos alunos, o que me levou a construir as aulas expositivas de acordo com os exercício práticos e resultados pretendidos. Toda a pesquisa envolvida no processo de planificação produziu resultados em termos de compreensão por parte dos alunos. O conhecimento do conceito de Ilustração era totalmente desconhecido por parte da turma. Uma abordagem inicial forneceu-me dados relativos aos interesses dos alunos e estes elementos possibilitaram-me construir as aulas supervisionadas de acordo com os interesses da turma. Para tal planifiquei a construção de um livro de poemas ilustrados, que seria posteriormente doado à biblioteca da escola, facto esse que contribuiu para um maior e melhor empenho da turma.

As aulas supervisionadas foram preparadas segundo dois propósitos, a primeira intervinha directamente no projecto do livro de poemas ilustrados e a segunda consistiu em acrescentar cultura visual à já detida pelos alunos. A leitura de banda desenhada é bastante comum na faixa etária que compreende o ensino básico, mas as suas variantes como o cartoon ou as tiras cómicas são desconhecidas.

A primeira aula supervisionada foi influenciada pelo trabalho desenvolvido anteriormente, pelo que o carácter expositivo manteve um teor em volta da prática de ilustração gráfica, técnicas e principais artistas portugueses e internacionais. O interesse sobre o por quem e o que é desenvolvido actualmente foi total, assim como o debate que se gerou sobre as técnicas e as possibilidades que cada uma das ilustrações apresentava.

O exercício prático desenvolveu-se segundo um carácter pessoal da cada um. Esta metodologia foi propositada no sentido em que foi uma mais valia no que consta a manter a atenção da turma face ao tema.

No intervalo que compreendeu as aulas supervisionadas preparei duas aulas, uma para a conclusão dos trabalhos referentes ao projecto, já que alguns dos alunos se encontravam um pouco atrasados face ao limite temporal imposto para a conclusão do exercício. A diferença entre grupos aumentou nessa aula, já que a maioria dos alunos concluíra os objectivos, enquanto que uma minoria se encontrava numa fase menos avançada. A minha preocupação centrou-se em aperfeiçoar os finalizados, e prestar um maior auxílio aos restantes, conseguindo com que toda a turma finalizasse o exercício em sala de aula.

A segunda aula de conclusão do projecto contou com um pequeno precalce, uma actividade de inglês coincidente com o horário de aula à qual compareceram cerca de 11 alunos. A reduzida quantidade de alunos (10) presentes na aula, permitiu-me construir uma dinâmica totalmente diferente das restantes aulas. Optei por alterar a disposição do espaço e desenvolver a caricatura com modelo através de desenho rápido, colocando os alunos frente a frente com o objectivo de desenhar o colega em intervalos de cerca de 10/15 minutos. Quando o tempo terminava os alunos trocavam de lugar e de modelo.

Nesta aula notei uma relação aluno/professor mais aproximada, talvez pelo exercício em questão, a forma como o mesmo foi desenvolvido ou, até mesmo, dado o tamanho da turma ser mais reduzido, ter conseguido prestar um acompanhamento individual mais personalizado. Em termos de aprendizagens foquei noções de desenho à vista e todas as potencialidades que a caricatura possibilita.

Considero, pessoalmente, que a segunda aula supervisionada foi mais importante em termos de abordagens e aprendizagens no que compete ao tema desenvolvido, no qual, em cooperação com a professora cooperante, selecionei os tópicos de possível interesse para a turma dentro do campo das artes visuais, como a BD, o cartoon e, em especial, todo o processo de construção de uma personagem. Nesta fase dei maior importância à procura de uma aprendizagem motivada e, no decorrer da mesma, revelou-se o mais gratificante para mim, a dinâmica de desenvolvimento conseguida e resultados revelados pela turma, assim como todo o interesse inerente ao processo teórico prestado e debate construído sobre conteúdos explicitados no decorrer da aula.

Percebi que, através da abordagem à ilustração, os alunos apenas consideravam a mesma como o desenho ou a pintura, mas nunca associando a intenção por de trás de qualquer uma das imagens pictóricas. Essa intenção foi de facto bastante importante durante todo o processo, pois revelou-me um grande interesse por parte da grande maioria dos alunos em transmitir uma intenção, afunilando os conhecimentos em função do que uma ilustração representa.

Em termos de capacidades desenvolvidas há uma grande diferença da PES no secundário e no ensino básico. Sendo que no ensino secundário desenvolvi principalmente capacidades técnicas pelos motivos acima referidos e no básico já me foi possível desenvolver algum conhecimento teórico, prático e de cultura visual face ao tema Ilustração.

6. Participação na Escola

A participação na Escola Secundária de Vendas Novas foi feita indirectamente em cooperação com a minha colega de PES Marta Alberto. Esta participação baseou-se numa actividade extra-curricular com o objectivo de dar a conhecer o trabalho desenvolvido pela turma. Esta actividade foi desenvolvida através do incentivo e acompanhamento do Diário Gráfico do alunos por nossa parte, os desenhos presentes nos mesmos foram posteriormente expostos pelos alunos no Mercado Municipal de Vendas Novas.

Todo o processo de exposição dos trabalhos e acompanhamento do mesmo foi levado a cabo pela professora encarregue da disciplina.

A participação na Escola Básica André de Resende teve como origem um enquadramento prático e teórico do tema desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada (Ilustração a Falsa Novidade).

Através de uma pesquisa, preparação e conhecimento prévio, construiu-se o projeto “Livro de Ilustrações do 7ºD”. O livro contém os resultados desenvolvidos pelos alunos no decorrer das aulas onde se abordou a temática ilustração infanto-juvenil.

O projecto desenvolvido com a turma, em cooperação com a professora coordenadora, teve como principais objectivos:

- Promover a prática de Ilustração infanto-juvenil;
- Abordar conteúdos teórico-práticos que compõem este tipo de ilustração;
- Fomentar conhecimentos nos alunos relativo às diversas áreas da prática ilustrativa, próxima à desenvolvida;
- Promover o trabalho artístico e resultados desenvolvidos pelos alunos, a nível individual e colectivo;
- Construir um objecto (livro) e disponibilizá-lo a um maior grupo escolar.

O projecto tem como finalidade construir um livro usando as ilustrações resultantes do trabalho desenvolvido em aula pelos alunos, conjugando-as com obras literárias, presentes em livros de Português do corrente ano escolar de onde foram criadas.



Imagem. 10 – Livro de Ilustrações do 7ªD (autor: João Jorge)



Imagem. 11 – Livro de Ilustrações do 7ªD (autor: João Jorge)

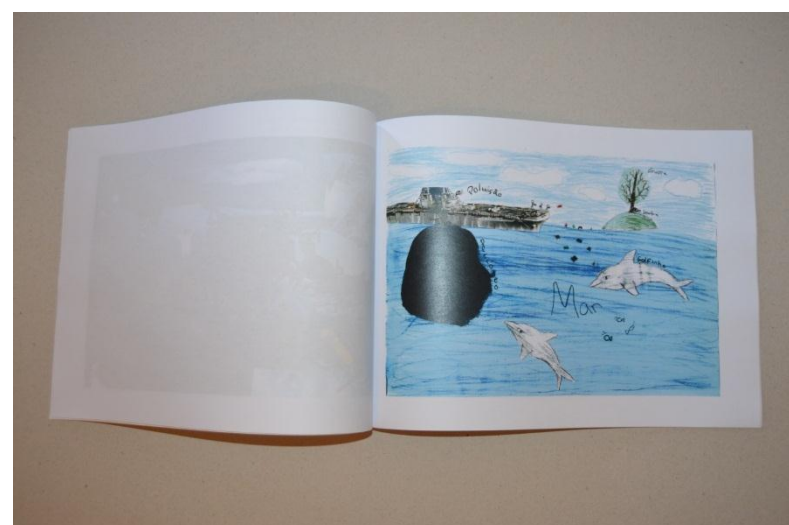


Imagem. 12 – Livro de Ilustrações do 7ªD (autor: João Jorge)

A fase final do projeto consistiu em disponibilizar os conteúdos presentes a um maior grupo ou público, ou seja, na biblioteca da escola. O público alvo deste projeto não são apenas os jovens, é importante referir que, atendendo ao tema da PES, é também finalidade dar a conhecer aos professores as possibilidades didáticas que uma abordagem ao tema e disciplina artística detem, sendo este um possível resultado deste género de projeto e intervenção.

7. Desenvolvimento Profissional

Particpei no Seminário livre “Museologia Crítica, Arte e Educação” dado pela Professora Doutora Genoveva Oliveira, ocorrido no dia 7 de Março de 2012 no Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora . Este foi organizado pelo CIEP (Centro de Investigação em Educação e Psicologia) e pelo CHAIA (Centro de História da Arte e Investigação Artística).

Conclusões

O presente relatório representa o resultado de todo o trabalho desenvolvido no decorrer da minha Prática de Ensino Supervisionada, começando pela pesquisa de tema, preparação didáctica e pedagógica, assim como todo o processo de aprendizagem e reflexão pessoal. Todo este processo permitiu-me aprender bastante a vários níveis, principalmente pelo teor prático da experiência em sala de aula frente a uma turma até então desconhecido por mim.

Praticamente toda a experiência que detinha até há alguns meses resumia-se ao papel de “aluno”. A primeira fase da PES revelou-se o primeiro grande impacto com a realidade do que é, ser professor. Tive a oportunidade de realizar a minha primeira experiência lectiva na Escola Secundária de Vendas Novas, algo que me despertou um grande interesse, motivação e principalmente satisfação pela turma e disciplina que fora atribuída (12ºD, Desenho A). Esta experiência revelou-se mais interessante do que estava a espera, já que a turma tinha a imposição de ser preparada para o exame nacional. Este factor elevou a minha motivação determinada pela necessidade urgente de obter resultados positivos face ao que tinha em mãos.

O papel desempenhado pela professora cooperante foi fundamental na minha preparação e envolvimento em todo o processo, nomeadamente no quotidiano escolar. Também saliento o que considero ser um bom funcionamento e cooperação com a minha colega de PES no decorrer das unidades didáticas.

A primeira aula supervisionada foi uma experiência deveras marcante, visto que a mesma foi preparada, planificada e leccionada apenas por mim. Na data, já estas etapas se tinham tornado familiares, apenas o processo de leccionar sem intervenção de outrem criou expectativas, situações inesperadas e satisfação. Esta agiu como óptima preparação para o que foi a segunda aula supervisionada, que me fez aprender e reagir prontamente a situações de gestão temporal e de sala de aula.

Também parte fundamental do processo em Vendas Novas foi a avaliação, algo que considero deveras importante e até um pouco difícil, mas a noção pessoal de como avaliar revelou-se bastante próxima ao pedido pela professora.

Apesar da experiência adquirida na Escola Secundária de Vendas Novas, confesso que considero a nível pessoal mais gratificante o trabalho desenvolvido em Évora, na Escola

Básica de André de Resende. Talvez pelas expectativas ou pelo nervosismo em leccionar uma turma de 7º ano, possivelmente pela minha experiência enquanto aluno.

Contrariamente ao esperado, o interesse dos alunos pelas matérias, o bom ambiente e a relação estabelecida, assim como a cooperação em sala de aula, despertou-me uma maior satisfação e empenho em desenvolver dentro dos limites, tanto quanto pudesse.

O auxílio prestado pela professora cooperante revelou-se bastante importante, principalmente no que constou em adequar ligeiramente as matérias à faixa etária em questão. Também a nível de conhecimentos sobre o tema, o auxílio da professora cooperante mostrou-se deveras positivo, porque a mesma detinha bastante conhecimento sobre a área ilustrativa, o que alargou mais as possibilidades didáticas.

As aulas supervisionadas na Escola Básica André de Resende foram possivelmente a melhor experiência a apontar durante toda a PES. Não só pelo gosto pessoal pelas matérias abordadas em ambas as aulas, mas pelo envolvimento, interesse e empenho dos alunos, a resposta positiva ao auxílio, críticas e sugestões foi algo verdadeiramente gratificante.

Aponto a primeira aula supervisionada como a mais crítica, pelo nervosismo e tensão anteriores ao início de aula, algo que foi superado pelo bom ambiente de sala de aula. No decorrer da apresentação audiovisual, dei conta de que os alunos detinham um bom interesse e iniciativa em participar. Estes motivaram o diálogo entre aluno/professor, que possibilitou uma maior transmissão de conteúdos, para além dos presentes na apresentação de PowerPoint. A segunda aula decorreu de um modo mais calmo e fluído, talvez por ter já uma ideia de como a turma reagia, preparei os conteúdos adequando-os à dinâmica da mesma, o que traduziu muito bons resultados.

No final de toda esta experiência considero que entrei preparado com conceitos teóricos, dados nas disciplinas de Mestrado em Ensino de Artes Visuais que, aliados à prática, resultaram num bom desempenho em termos de resposta ao desafio que é ser professor. Ainda que de um modo limitado, a PES proporcionou-me adquirir competências bastante importantes, através da vivência com o quotidiano escolar, noção das diferenças de leccionar vários níveis de ensino, aprendizagens que podem ser construídas e da satisfação pessoal que daí é possível retirar.

Bibliografia

ANTUNES, Ricardo (2007) Guia do Ilustrador Consultado a 14-11-2012. Disponível em < <http://www.guiadoilustrador.com.br>>

CHARRÉU, L. (2011). Entre a possibilidade de se “ensinarem” as artes visuais e a necessidade imperativa de se conhecerem as novas culturas infanto-juvenis que hoje “habitam” a escola. Revista portuguesa de Educação Artística (1), pp. 37-44

DEWEY, J. (1989) Cómo pensamos. Barcelona: Paidós.

EISNER, William Erwin (1985) Comics and Sequential Art. Tamarac: Poorhouse Press.

Escola Básica de André de Resende (2013). Consultado a 05-03-13. Disponível em <<http://www.ebandreteresende.pt/>>

Escola Secundária de Vendas Novas (2013). Consultado a 18-11-12. Disponível em < <http://www.es-vendasnovas.edu.pt/>>

FERRO, P. J. (1988) História da banda desenhada infantil portuguesa – das origens até ao ABCzinho – Lisboa: Coleção Dimensões. Editorial Presença

FRANÇA, A. J. (1976) Raphael Bordallo Pinheiro Caricaturista Político. Lisboa: Coleção ARTE E ARTISTAS. Editora Terra Livre

HERNÁNDEZ, F. (1998) Transgressão e mudança na educação: os projectos de trabalho- Porto Alegre: ArtMed

MELO, A. (1994) O que é Arte. Lisboa: Quimera Editores, Lda

MURANI, B. (1968) Design e Comunicazione Visiva. Lisboa: Edições 70, Lda

MANFREDO, M. (1982) Ver pelo Desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos. Lisboa: Edições 70, Lda

PORTUGAL, Programa de Desenho A 10.º e 11.º e 12.º anos (2001-2002). Consultado a 03-10-12. Disponível em <<http://sitio.dgdc.min-edu.pt>>

PORTUGAL, Programa de Educação Visual – Ajustamento (2001). Consultado a 03-10-12. Disponível em <<http://193.137.22.207/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=57367&img>>

ROLDÃO, M. C. (1999) Os professores e a Gestão do Currículo Perspectivas e Práticas em Análise – Lisboa: Porto Editora.

Apêndices documentais

Apêndice documental 1 – Planificação da unidade didáctica “Sapato”, 12º D

1

Áreas de exploração	Finalidades	Competências Específicas	Conteúdos	Estratégias	Recursos e Materiais necessários	Tempos lectivos	Avaliação
Desenho	<p>Desenvolver a percepção.</p> <p>Desenvolver a sensibilidade estética.</p> <p>Desenvolver a criatividade.</p> <p>Desenvolver a capacidade de expressão.</p> <p>Desenvolver a capacidade de utilizar meios de expressão visual.</p> <p>Desenvolver o sentido crítico.</p> <p>Desenvolver destreza e percepção das formas.</p>	<p>.Utilizar expressivamente os diferentes elementos visuais.</p> <p>.Organizar, quanto à funcionalidade e equilíbrio visual, as formas tridimensionais.</p> <p>.Compreender a estrutura do elemento a representar, assim como princípio organizador dos elementos que o constituem.</p> <p>.Identificar os elementos que definem ou caracterizam a forma: luz/ sombra, linha, superfície, volume, textura, estrutura, e a consistência do material que o compõe.</p> <p>.Atender a consciencialização das dimensões e proporção do objecto a representar.</p> <p>.Tomar consciência da relação Luz/Sombra na percepção das formas.</p> <p>.Desenvolver técnicas e instrumentos necessários com intenção expressiva recorrendo ao uso de grafites.</p>	<p>Representação à vista-Sapato</p> <p>Proporções</p> <p>Texturas</p> <p>Formas</p> <p>Luz/ sombra</p>	<p>-Representação à vista de um modelo – sapato.</p> <p>-Pedir aos alunos que descalçassem o sapato direito colocassem-no em cima da sua mesa de trabalho.</p> <p>-Colocação angular do sapato sobre a mesa, é da livre escolha do aluno.</p> <p>-Recorrendo ao uso de folhas A2 e a de grafites de diferentes durezas, representar o seu sapato.</p> <p>-Representação e estudo das formas e proporções do seu próprio sapato.</p> <p>-Introdução ao processo de enquadramento, proporcional do desenho atendendo ao tamanho do suporte de trabalho.</p>	<p>- Lápiz de grafite de diferentes durezas; HB, B/B2, B3, ou B6.</p> <p>-Bloco de folhas papel Cavalinho A2</p> <p>-Elemento representativo de cada um, ou seja o seu próprio sapato.</p>	6 Aulas de 45 minutos	<p>-Traço</p> <p>-Proporção</p> <p>-Mancha</p>

**Professores,
Estagiários:
João Jorge**

**Escola Secundária de Vendas Novas
2012/2013
Desenho A
Discipline Based Art Education
Planificação Unidade Didáctica – Representação à Vista- “Sapato”**

**Ensino Secundário
12ºAno
Desenho A**

Apêndice documental 2 - Planificação da unidade didáctica “Personagem”, 12º D

1

<p>Escola Secundária de Vendas Novas 2012 2013 Desenho A</p> <p>Discipline Based Art Education Planificação Unidade Didáctica – Exercício Prático “Ilustração”</p>		<p>Professor, Estagiário: João Jorge</p>					
<p>Ensino Secundário 12ºAno Desenho A</p>							
Áreas de exploração	Finalidades	Competências Específicas	Conteúdos	Estratégias	Recursos e Materiais necessários	Tempos lectivos	Avaliação
Desenho	<p>Desenvolver a percepção.</p> <p>Desenvolver a sensibilidade estética.</p> <p>Desenvolver a criatividade.</p> <p>Desenvolver a capacidade de expressão.</p> <p>Desenvolver a capacidade de utilizar meios de expressão visual.</p> <p>Desenvolver o sentido crítico.</p> <p>Desenvolver destreza e percepção das formas.</p>	<p>Utilizar expressivamente os diferentes elementos visuais.</p> <p>Identificar e construir os elementos que definem ou caracterizam a forma: luz/ sombra, linha, superfície, volume, textura, estrutura, e a consistência do material que o compõe.</p> <p>Atender a consciencialização das dimensões e proporção do personagem a construir.</p> <p>Tomar consciência da relação Luz/Sombra na percepção das formas.</p> <p>Desenvolver técnicas e instrumentos necessários com intenção expressiva recorrendo ao uso de grafites.</p>	<p>Construção de personagem</p> <p>Proporções</p> <p>Texturas</p> <p>Formas</p> <p>Luz/ sombra</p>	<p>- Apresentação de slides sobre o tema Ilustração e exercício a executar em aula.</p> <p>- Explicação sobre os dois exercícios.</p> <p>- Distribuição do primeiro exercício.</p> <p>- Recorrendo ao uso de folhas A3 e a de grafites de diferentes durezas, construir o personagem.</p> <p>- Representação das formas e proporções do personagem.</p> <p>- Recolha do primeiro exercício.</p> <p>- Distribuição do segundo exercício.</p> <p>- Execução do exercício.</p> <p>- Recolha do exercício.</p>	<p>- Lápiz de grafite de diferentes durezas; HB, B B2, B3, ou B6.</p> <p>- Bloco de folhas papel Cavalinho A3.</p>	<p>2 Aulas de 45 minutos.</p>	<p>-Traço</p> <p>-Proporção</p> <p>-Mancha</p> <p>-Criatividade</p>

Apêndice documental 3 – Grelha de avaliação da unidade didáctica “Sapato”, 12º D

NOME	Modulo - 5								TOTAL
	L+P		L+P+M			L+P+M			
	13	14	13	14	13	13	14	14	14
	12	11	11	11	14				12
	13	13	11	11	11	11	11	10	11
	13	13							13
	14	16							15
	12	12	13	13	13				13
	10	10	11	11	12	10	10	10	11
	11	11	10	10	11	10	10	10	10

Apêndice documental 4 – Grelha de avaliação da unidade didáctica “Personagem”, 12º D

NOME	EXERCICIO - 1				EXERCICIO - 2				TOTAL
	L+P+M+C				L+P+M+C				
	13	10	12	10	10	10	0	10	9,4
	12	8	8	8	9	8	0	9	7,8
	13	15	12	15	10	11	10	14	12,5
	10	10	10	10	11	10	0	11	9,0
	8	7	8	12	9	9	0	11	8,0
	11	13	14	13	11	12	9	11	11,8
	11	14	12	14	11	10	10	14	12,0
	11	10	11	12	12	10	0	10	9,5
	10	10	10	12	11	12	9	11	10,6
	10	10	11	11	10	11	8	12	10,4
	12	13	13	14	13	10	13	13	12,6
	13	10	11	13	10	10	8	10	10,6
	10	9	9	10	10	9	0	9	8,3
	10	10	9	13	10	9	8	10	9,9
	9	8	8	12	11	10	0	10	8,5

Apêndice documental 5 – Planificação de unidade didáctica “Ilustração” 7ºD

1

<p>Ensino Básico 7º Ano Educação Visual</p>		<p>Escola Básica de André de Resende 2012 2013 Educação Visual Discipline Based Art Education Planificação Unidade Didáctica – Exercício Prático “Ilustração”</p>			<p>Professor, Estagiário: João Jorge</p>		
Áreas de exploração	Finalidades	Competências Específicas	Conteúdos	Estratégias	Recursos e Materiais necessários	Tempos lectivos	Avaliação
Ilustração	<p>Desenvolver a percepção.</p> <p>Desenvolver a sensibilidade estética.</p> <p>Desenvolver a criatividade.</p> <p>Desenvolver a capacidade de expressão.</p> <p>Desenvolver a capacidade de utilizar meios de expressão visual.</p> <p>Desenvolver o sentido crítico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar expressivamente os diferentes elementos visuais. - Identificar e construir os elementos que definem ou caracterizam a forma: luz/ sombra, linha, superfície, volume, textura, estrutura, e a consistência do material que o compõe. - Atender a consciencialização das dimensões e proporção. - Desenvolver técnicas e instrumentos necessários com intenção expressiva recorrendo ao uso de diversos materiais 	<p>Comunicação</p> <p>Composição</p> <p>Proporções</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do exercício. - Explicação sobre o exercício. - Divisão da turma em grupos de dois alunos. - Distribuição de poemas. - Recorrendo ao uso de folhas A3 e a de grafites de diferentes durezas, construir esboços da composição. - Representação das formas e proporções da ilustração. - Definição de esboço principal. - Atribuição de cor à ilustração. - Aperfeiçoamento de elementos finais. - Seleção de produtos finais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Lápis de grafite de diferentes durezas; HB, B, B2, B3, ou B6. - Bloco de folhas papel Cavalinho A3. - Lápis de cor - Aguarela ou Guache - Caneta de filtro preta 	<p>8 aulas de 45 minutos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Traço - Proporção - Mancha - Criatividade

Apêndice documental 6 – Planificação de unidade didáctica “Inicial” 7ºD

1

<p>Ensino Básico 7º Ano Educação Visual</p>		<p>Escola Básica de André de Resende 2012 2013 Educação Visual Discipline Based Art Education Planificação Unidade Didáctica – Exercício Prático “Inicial Ilustrada”</p>			<p>Professor, Estagiário: João Jorge</p>		
Áreas de exploração	Finalidades	Competências Específicas	Conteúdos	Estratégias	Recursos e Materiais necessários	Tempos lectivos	Avaliação
Ilustração	<p>Compreender e adquirir conhecimentos na área de Ilustração Infanto-juvenil.</p> <p>Desenvolver a sensibilidade estética.</p> <p>Desenvolver a criatividade.</p> <p>Desenvolver a capacidade de expressão.</p> <p>Desenvolver a capacidade de utilizar meios de expressão visual.</p> <p>Desenvolver o sentido crítico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar expressivamente os diferentes elementos visuais. - Identificar e construir os elementos que definem ou caracterizam a forma: luz/sombra, linha, superfície, volume, textura, estrutura. - Desenvolver técnicas e instrumentos necessários com intenção expressiva recorrendo ao uso de diversos materiais. 	<p>Comunicação visual.</p> <p>Composição.</p> <p>Proporção.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação teórica com recurso a “Powerpoint” sobre a prática ilustrativa de artistas nacionais e internacionais. - Apresentação sobre o exercício prático a desenvolver em aula. - Distribuição de folhas de registo gráfico. - Início do exercício. - Acompanhamento individual no decorrer do desenvolvimento do exercício. - Recolha de resultados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Lápis de grafite de diferentes durezas; HB, B, B2, B3, ou B6. - Lápis de cor - Lápis de cera - Carnetas de filtro 	<p>2 aulas de 45 minutos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Traço - Proporção - Mancha - Criatividade

Apêndice documental 7 – Planificação de unidade didáctica “Personagem” 7ºD

1

Áreas de exploração	Objectivos	Competências Específicas	Conteúdos	Estratégias	Recursos e Materiais necessários	Tempos lectivos	Avaliação
<p>Ensino Básico 7º Ano Turma D Educação Visual</p>	<p>Compreender e adquirir conhecimentos na área de Ilustração Infanto-juvenil.</p> <p>Desenvolver a sensibilidade estética.</p> <p>Desenvolver a criatividade.</p> <p>Desenvolver a capacidade de expressão.</p> <p>Desenvolver a capacidade de utilizar meios de expressão visual.</p> <p>Desenvolver o sentido crítico.</p>	<p>- Utilizar expressivamente os diferentes elementos visuais.</p> <p>- Identificar e construir os elementos que definem ou caracterizam a forma: luz/sombra, linha, superfície, volume, textura, estrutura.</p> <p>- Desenvolver técnicas e instrumentos necessários com intenção expressiva recorrendo ao uso de diversos materiais.</p>	<p>Comunicação Visual</p> <p>Espaço</p> <p>Estrutura</p> <p>Forma</p>	<p>- Apresentação teórica com recurso a “Powerpoint” sobre a prática ilustrativa de banda desenhada</p> <p>- Apresentação sobre o exercício prático a desenvolver em aula.</p> <p>- Distribuição de materiais de apoio e registo gráfico.</p> <p>- Início do exercício.</p> <p>- Acompanhamento individual no decorrer do desenvolvimento do exercício.</p> <p>- Recolha de resultados.</p>	<p>- Lápis de grafite de diferentes durezas; HB, B B2, B3, ou B6.</p> <p>- Lápis de cor</p> <p>- Lápis de cera</p> <p>- Canelas de filtro</p> <p>- Colagem</p>	<p>2 aulas de 45 minutos.</p>	<p>Observação directa e contínua</p> <p>Qualitativa</p>

Escola Básica de André de Resende
30/04/2013
Educação Visual
Discipline Based Art Education
Planificação Unidade Didáctica de Ilustração - Exercício Prático “Personagem”

Professora da disciplina
Maria João Machado
Aluno em P.E.S
João Jorge
Nº 9467

Apêndice documental 8 – Grelha de avaliação da unidade didáctica “Ilustração” 7º D

Nome	Nº de aluno	Ilustração Livro			Total
		Composição	Grafismo	Conteúdo	
	1	4	3	4	3,66667
	2	4	3	4	3,66667
	3	5	5	5	5
	4	5	5	5	5
	5	4	3	3	3,33333
	6	4	3	3	3,33333
	7	5	4	5	4,66667
	8	5	4	5	4,66667
	9	4	4	4	4
	10	3	4	4	3,66667
	11	3	4	4	3,66667
	12	4	4	4	4
	13	4	4	4	4
	14	3	3	4	3,33333
	15	3	3	4	3,33333
	16	5	5	4	4,66667
	17	5	5	4	4,66667
	18	5	5	5	5
	19	5	5	5	5
	20	4	4	4	4
	21	4	4	4	4

Apêndice documental 9 – Grelha de avaliação da unidade didáctica “Inicial” 7º D

Nome	Nº de aluno	Ilustração Inicial			Total
		Composição	Traço	Mancha	
	1				0
	2	4	4	4	4
	3	4	3	4	3,66667
	4	4	4	4	4
	5	3	3	4	3,33333
	6				3,33333
	7				0
	8	4	4	4	0
	9	3	3	4	3,33333
	10	5	4	4	4,33333
	11	3	4	4	3,66667
	12	5	4	4	4,33333
	13	3	3	3	3
	14	3	3	4	3,33333
	15	3	3	3	3
	16	3	3	3	3
	17	4	4	3	3,66667
	18	5	4	4	4,33333
	19	5	4	4	4,33333
	20				0
	21	3	3	4	3,33333

Apêndice documental 10 – Grelha de avaliação da unidade didáctica “Personagem” 7º D

Nome	Nº de aluno	Ilustração Personagem			Total
		Composição	Traço	Mancha	
	1	3	3	2	2,66667
	2	4	3	3	3,33333
	3	3	3	2	2,66667
	4				0
	5	4	3	3	3,33333
	6	4	3	3	3,33333
	7	2	2	2	2
	8	3	3	2	2
	9	3	3	4	3,33333
	10	4	3	4	3,66667
	11	3	3	3	3
	12	3	3	3	3
	13	4	4	3	3,66667
	14	3	2	2	2,33333
	15	3	3	3	3
	16	4	3	3	3,33333
	17	3	3	3	3
	18	5	4	4	4,33333
	19	4	3	3	3,33333
	20	3	3	2	2,66667
	21				0

Apêndice documental 11 – Ficha de observação de prática de ensino supervisionada 7º D

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

PES 2012 – 2013

JOÃO JORGE

EDUCAÇÃO VISUAL . 7º ANO . TURMA – D

ESCOLA BÁSICA DE ANDRÉ DE RESENDE

UNIDADE DE TRABALHO:

Ilustração

16-04-2013

Exercício prático “Personagem”

23-04-2013

MATERIAIS DIDÁCTICOS apresentações, vídeos, obras e/ou objectos <i>concebidos especificamente</i> para a sessão, ou <i>adaptados</i> a esta.	CRIATIVIDADE dos materiais didácticos concebidos – <i>concepção de autor (privilegiada)</i> - e nas formas e estratégias de <i>dinamizar</i> a aula	COMUNICAÇÃO <i>inter-acção</i> com os alunos/ <i>clareza</i> na exposição dos conteúdos, <i>sequencialidade</i> e <i>resposta ao feedback</i> dos alunos	GESTÃO DIDÁCTICO-PEDAGÓGICA pesquisa, rigor e manipulação dos conteúdos <i>artístico-científicos</i> , <i>condução</i> da aula e gestão do tempo
D	D	C	D

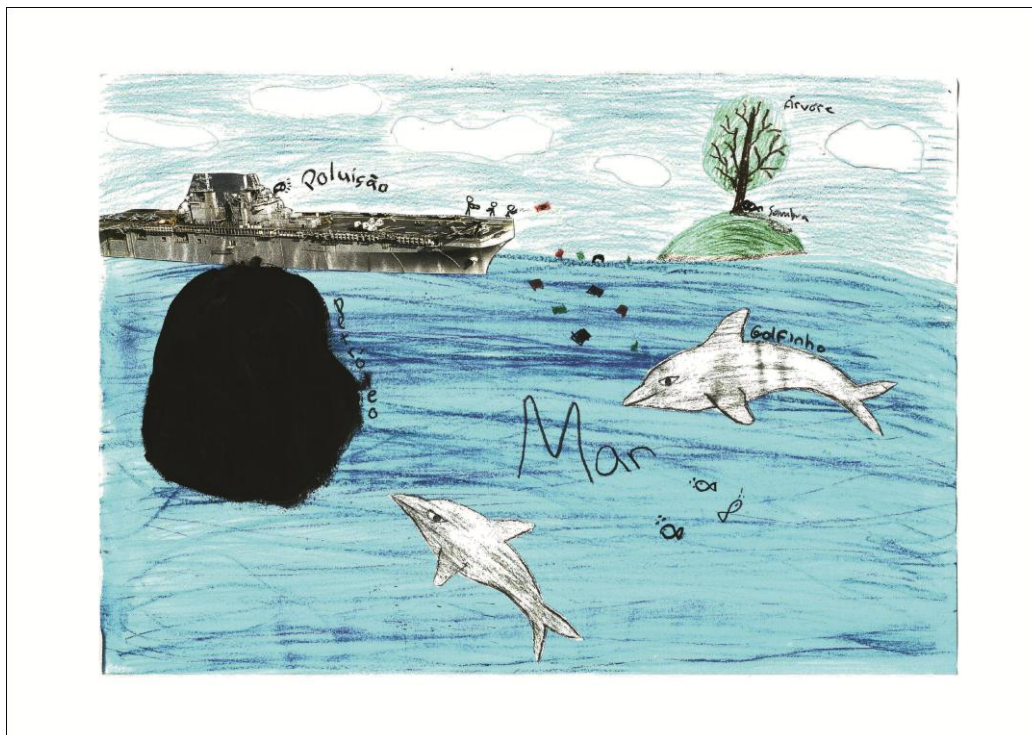
AValiação Qualitativa **A** - Excelente **B** - Muito Bom **C** - Bom **D** - Suficiente **E** - Insuficiente **F** - Medíocre

AValiação Global Proposta - D		

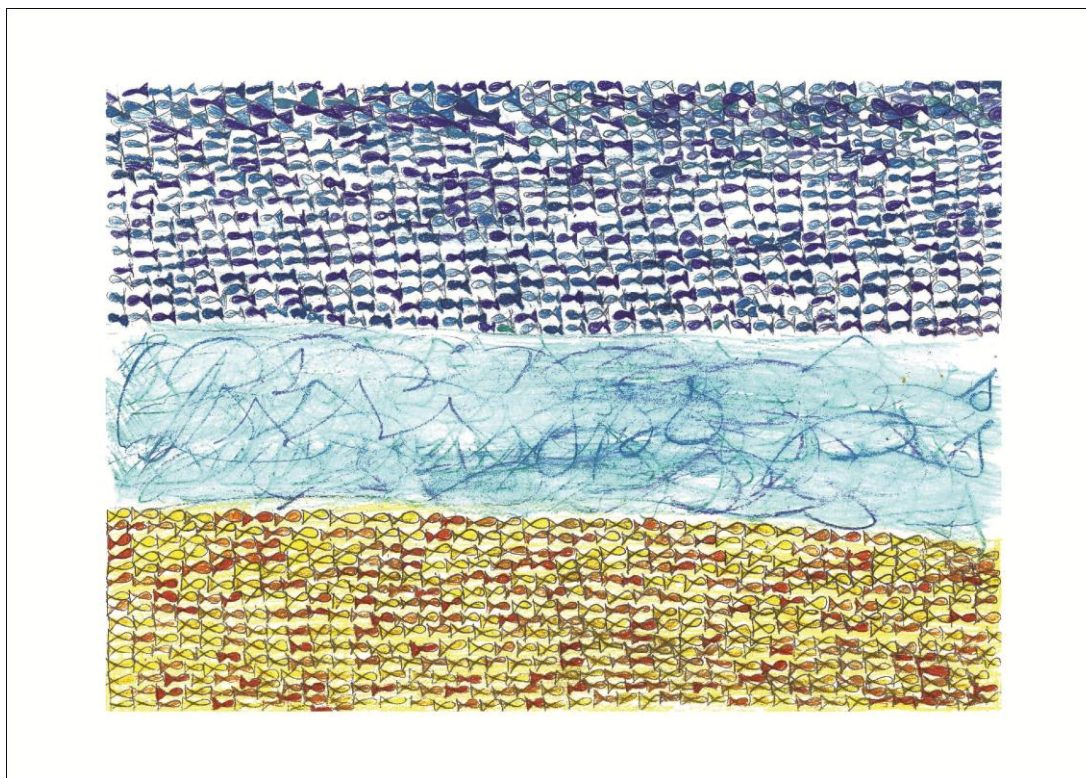
Gonçalo Jardim

Apêndices gráficos

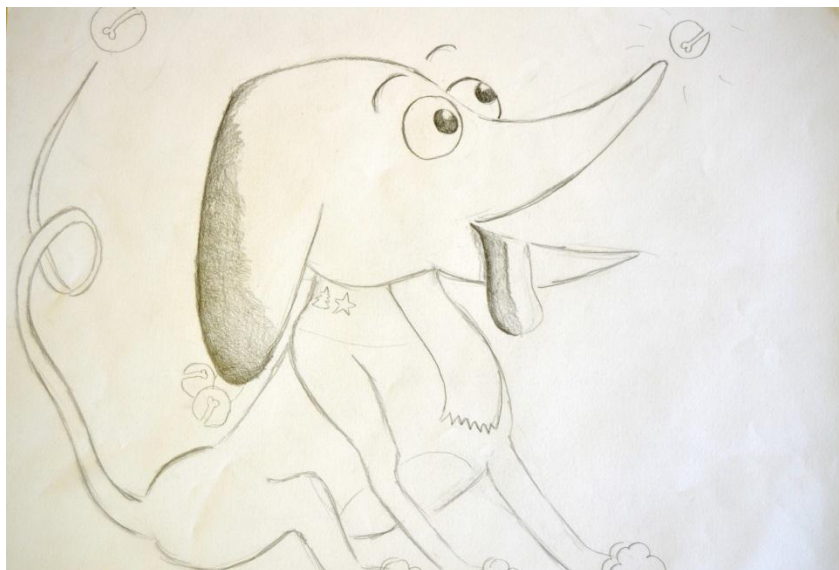
Apêndice gráfico 1 - Resultado N° 3 da unidade didáctica “Ilustração”



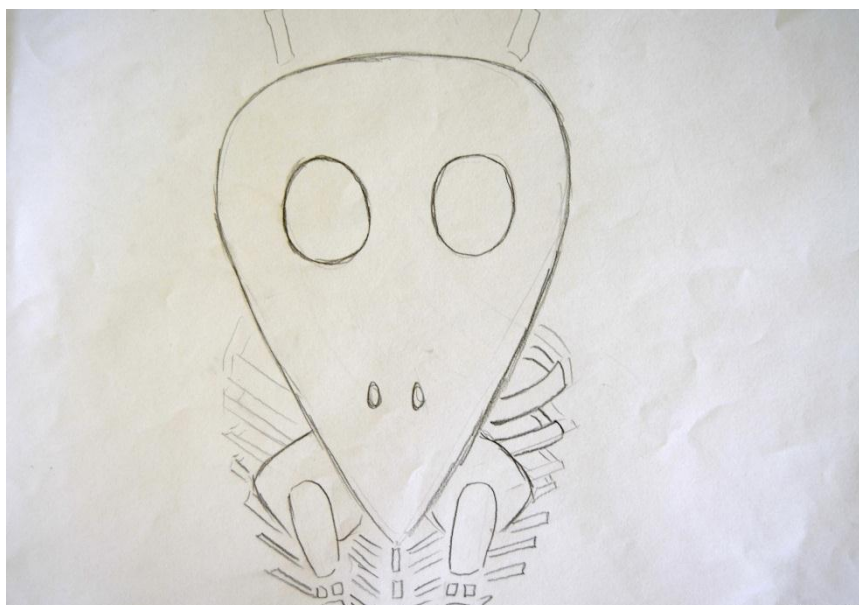
Apêndice gráfico 2 - Resultado N° 4 da unidade didáctica “Ilustração”



Apêndice gráfico 3 - Resultado Nº 3 da unidade didáctica “Personagem”, 12º D



Apêndice gráfico 4 - Resultado Nº 4 da unidade didáctica “Personagem”, 12º D



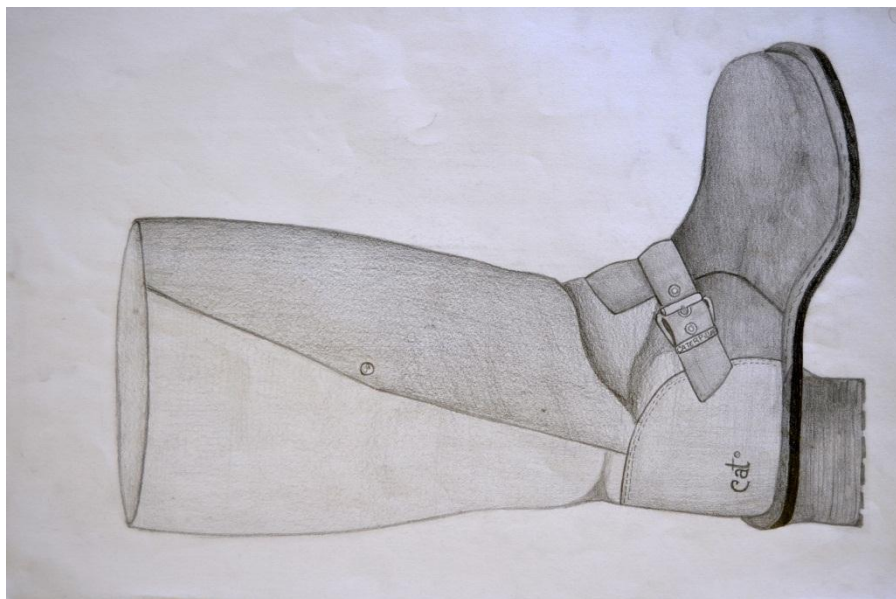
Apêndice gráfico 5 - Resultado Nº 1 da unidade didáctica “Sapato”, 12º D



Apêndice gráfico 6 - Resultado Nº 2 da unidade didáctica “Sapato”, 12º D



Apêndice gráfico 7 - Resultado Nº 3 da unidade didáctica “Sapato”, 12º D



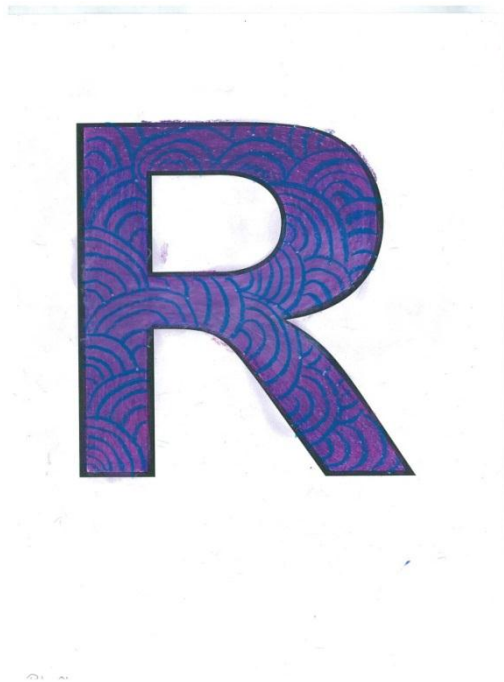
Apêndice gráfico 8 - Resultado Nº 4 da unidade didáctica “Sapato”, 12º D



Apêndice gráfico 9 - Resultado N° 1 da unidade didáctica “Inicial”, 7º D



Apêndice gráfico 10 - Resultado N° 2 da unidade didáctica “Inicial”, 7º D



Apêndice gráfico 11 - Resultado N° 1, 2 e 3 da unidade didáctica “Personagem”, 7° D

